



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS, EDUCAÇÃO E LINGUAGENS DE BACABAL - CCEL

MIRLENE SAMPAIO PEREIRA

ENTRE O LÁ E O CÁ:
Uma análise da obra *Cante lá que eu canto cá*, de Patativa do Assaré

BACABAL
2021

MIRLENE SAMPAIO PEREIRA

ENTRE O LÁ E O CÁ:

Uma análise da obra *Cante lá que eu canto cá*, de Patativa do Assaré

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Bacabal da Universidade Federal do Maranhão, UFMA- Centro de Ciências, Educação e Linguagens - CCEL, Bacabal, como requisito obrigatório para o título de Mestre em Letras.

Linha de Pesquisa: Literatura, Cultura e Fronteiras do Saber.

Orientador: Prof. Dr. Fábio José Santos de Oliveira

BACABAL
2021

**Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA**

Pereira, Mirlene Sampaio.

Entre o lá e o cá: Uma análise da obra Cante lá que eu canto cá, de Patativa do Assaré/ Mirlene Sampaio Pereira. - 2021.

98 f.

Orientador (a): Fábio José Santos de Oliveira.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Letras - Bacabal, Universidade Federal do Maranhão, Bacabal, 2021.

1. Lugar. 2. Patativa do Assaré. 3. Poesia. 4. Sertanejo. I. Oliveira, Fábio José Santos de. II.

Título.

MIRLENE SAMPAIO PEREIRA

ENTRE O LÁ E O CÁ:

Uma análise da obra *Cante lá que eu canto cá*, de Patativa do Assaré

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Bacabal da Universidade Federal do Maranhão, UFMA- Centro de Ciências, Educação e Linguagens - CCEL, Bacabal, como requisito obrigatório para o título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Fábio José Santos de Oliveira

Aprovada em 25 de agosto de 2021.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Fábio José Santos de Oliveira
(UFS/PGLB-UFMA)
ORIENTADOR

Prof. Dr. Franco Baptista Sandanello
(AFA/PGLB-UFMA/UFSCar)

Prof. Dr. André Barbosa de Macedo
(UFPA)

Aos familiares e amigos que a covid-19 me levou.

AGRADECIMENTOS

Ao artista do universo
Nosso bom Deus criador
Pela dádiva da vida
Por tudo que nos deixou
Pela sua grande verdade
E pela oportunidade
De saber o que é amor.

À minha filha Sofia
Pelo carinho dispensado
Durante minha ausência
Tenho sempre confirmado
Um grande presente é ela
E que ficar pertinho dela
É um momento sagrado.

Ao meu filho Ângelo José
Que de surpresa chegou
Modificou uma estrutura
Minha vida transformou
Ele não foi planejado
Mas hoje é muito amado
O presente que Deus mandou.

Ao meu pai José Brito
Que nunca estudou
Analfabeto das letras
Mas muito nos ensinou
Sempre na roça lutando
Toda a vida batalhando
Na arte da amar é doutor.

À dona Maria Elza
Rainha do meu lar
Cujo olhar sertanejo
Me faz acreditar
Que por Deus acompanhada
Com a fé sempre renovada
A vida vai se transformar.

Ao meu esposo Isael
Pela grande disposição
Por ficar sempre perto
Segurando a minha mão
Quando a inspiração me faltava
Muitas vezes esgotada
Ele era só dedicação.

Ao professor Fábio José
Por sua grande orientação
Pelos momentos de acolhida
E de grande dedicação
Cada palavra direcionada
Me deixava animada
Para seguir com a produção.

Doutor Fábio José
Do conhecimento portador
No decorrer deste processo
Ele sempre me inspirou
Paciente e prestativo
Não foi vilão e sim, amigo
Um grande orientador.

Aos professores do curso
Cada um é especial
No decorrer do estudo
Ajudaram com material
Nos dando oportunidade
Uma parceria de verdade
Que equipe sensacional.

Aos meus colegas de mestrado
Tenho muito a agradecer
Cada um com seu jeitinho
Amigo verdadeiro soube ser
Pelo carinho dedicado
E por ter colaborado
Com a ampliação do saber.

Professores Franco e José Uesele
Contribuíram nessa jornada
Cada palavra na hora de qualificar
Foi uma semente não foi pedrada
Acolhendo cada sugestão
Partimos para a ação
Eis a semente germinada.

A todas as pessoas
Que direta ou indiretamente
Deram sua contribuição
Estando perto ou ausente
Não tenho muito o que dizer
Mas gostaria de agradecer
Deus os abençoe sempre.

[...] Por favô, não mêxa aqui,
Que eu também não mêxo aí,
Cante lá que eu canto cá.

(Patativa do Assaré)

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo a análise da obra *Cante lá que eu canto cá* (1978), do poeta cearense Antônio Gonçalves da Silva, mais conhecido como Patativa do Assaré. Essa obra do poeta de Assaré enfatiza a vida do nordestino enquanto um sujeito ativo, ora estando em sua terra natal, ora tornando-se migrante devido à seca. Objetiva-se, com esta pesquisa, analisar a figura do sertanejo dentro e fora do sertão, destacando como são apresentadas nos poemas as fronteiras existentes entre seu ambiente, “cá”, e a terra do outro, “lá”. São objetivos específicos: tecer reflexões acerca do social e cultural em alguns poemas de Patativa do Assaré; destacar as diferenças entre o campo e a cidade, presentes nos poemas; analisar o processo de enunciação nos poemas. O sertanejo de Patativa reconhece-se como parte do sertão, ambiente em que vive junto à natureza numa profunda intimidade. Nesse espaço plural, vivencia diversas situações que transformam uma simples localidade em lugar. O estudo será feito adotando procedimentos de uma pesquisa de natureza básica, com procedimentos bibliográficos, visando a uma abordagem comprometida. Serão utilizados no presente estudo como pressupostos teóricos *Topofilia* (1974) e *Espaço e Lugar* (1977), ambos de Yi-Fu Tuan, para estudo da relação entre o sertanejo e sua localidade, bem como dos valores que este atribui ao seu ambiente, transformando-o em lugar. Também serão utilizados como abordagem teórica ou crítico-analítica Albuquerque Júnior (1994 e 2011), Williams (1989), Andrade (2011) e Carvalho (2011), para o fortalecimento da temática apresentada pela voz poética dentro e fora do seu sertão.

Palavras-chave: Patativa do Assaré, poesia, sertão, sertanejo, lugar.

RESUMEN

El presente trabajo tiene como objetivo el análisis de la obra **Cante lá que eu canto cá** (1978), del poeta Antônio Gonçalves da Silva, más conocido como Patativa do Assaré. Esta obra del poeta de Assaré enfatiza la vida del nordestal como un sujeto activo, estando en su tierra natal convirtiéndose en un migrante debido a la sequía. El objetivo de esta investigación es analizar la figura del “sertanejo” dentro y fuera del “sertão”, destacando cómo los límites existentes entre su entorno, “aquí”, y la tierra del otro, “allá”, se presentan en los poemas. Los objetivos específicos son: hacer reflexiones sobre lo social y lo cultural en algunos poemas de Patativa do Assaré; destacar las diferencias entre el campo y la ciudad, presentes en los poemas; analizar el proceso de enunciación en los poemas. El “sertanejo” se reconoce a sí mismo como parte del “sertão”, un entorno en el que vive junto con la naturaleza en una profunda intimidad. En este espacio plural, experimenta varias situaciones que transforman una simple localidad en lugar. El estudio se realizará mediante la adopción de procedimientos de investigación básica, con procedimientos bibliográficos, con el objetivo de un enfoque comprometido. *Topofilia* (1974) y *Espacio y Lugar* (1977), ambos de Yi-Fu Tuan, serán utilizados en este estudio como supuestos teóricos para el estudio de la relación entre el “sertanejo” y su localidad, así como los valores que atribuye a su entorno, transformándolo en su lugar. También se utilizarán como abordaje teórica o crítico-analítica Albuquerque Júnior (1994 y 2011), Williams (1989), Andrade (2011) y Carvalho (2011), para fortalecer el tema presentado por la voz poética dentro y fuera de su “sertão”.

Palabras clave: Patativa do Assaré, poesía, *sertão*, *sertanejo*, lugar.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1	17
CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS	17
1.1 O mundo na visão de Yi-fu Tuan	17
1.2 Campo e cidade: espaços de vivência e de cultura	24
CAPÍTULO 2	30
CANTO CÁ: “A vida aqui é assim”	30
2.1 Verdume no Sertão, natureza em festa	33
2.2 Entre a seca e a desigualdade social: Os “Dois quadros” do sertão	47
CAPÍTULO 3	53
EU TÔ NA TERRA ESTRANHA E É BEM TRISTE O MEU PENÁ	53
3.1 Uma seca medonha me tanjeu de lá pra cá.....	54
3.2 Cá no lá – O campo na cidade: “O destino me faz guerra e a sodade me devora”	58
CAPÍTULO 4	67
LÁ NO CÁ – A PRESENÇA DA CIDADE NO SERTÃO	67
4.1 O matuto e o “dotô”	69
4.2 “Ingém de ferro” e o “Puxadô de roda”: impactos da modernidade no sertão .	81
CONSIDERAÇÕES FINAIS	92
REFERÊNCIAS	96

INTRODUÇÃO

O ser humano sonha em encontrar um lugar ideal para viver, ou seja, um lugar onde seja possível criar raízes. O lugar é constituído como espaço de diversas relações. É no lugar que o homem reflete suas condições de vida. Assim que o homem se identifica com um determinado local, as experiências vividas se dão de forma intensa, e ele é reconduzido por um forte sentimento de pertencimento.

A casa, a rua são exemplos de lugar, ou seja, são espaços que têm intimidade e vivência em sua composição. Para Tuan, o lugar surge das experiências; portanto, para que se compreenda o homem em “devoção” por um ambiente específico, faz-se necessário adentrar nas histórias e na realidade que o fizeram ser como tal.

Tuan (1980, p. 130) nos diz que o homem idealiza o lugar perfeito onde possa construir sua história de vida. Vale destacar que a importância de um determinado ambiente (desse lugar idealizado) se dá devido às histórias que foram construídas nele, inclusive no aspecto cultural. O sentimento por um determinado lugar pode ser revelado por meio de uma imagem sempre presente na memória. O sertanejo reconhece-se como parte do sertão, com o qual nutre profunda intimidade. Nesse espaço plural, vivencia diversas situações que transformam uma simples localidade em lugar.

O sertanejo presente na obra *Cante lá que eu canto cá* (1978), do poeta cearense Patativa do Assaré (1909-2002), apresenta um grande sentimento por sua terra, e é a intensidade da relação que esse homem simples possui com ela, que nos conduzirá durante o estudo.

Cante lá que eu canto cá, publicado em 1978 pela Editora Vozes, é composto por poemas selecionados e ordenados por Patativa, sendo considerado por ele sua mais significativa obra. A construção poética da obra nos desafia a adentrar nas privações e encantos do sertanejo e de sua terra. A obra do poeta virou um clássico da literatura popular nordestina, expressão dos traços culturais e sociais da alma do sertanejo. *Cante lá que eu canto cá* nos convida a olhar a relação espacial, a refletir sobre o presente e o passado, o tradicional e o moderno. Patativa é considerado por muitos um grande poeta brasileiro, sendo um dos principais representantes da cultura popular nordestina, tendo diversas obras traduzidas em outros idiomas. Possuía uma linguagem simples, não era “doutor das letras”. Sua poesia surgia de situações

cotidianas, daquilo que via, ouvia e sonhava. Ficou conhecido nacionalmente no ano de 1964, quando Luiz Gonzaga gravou “Triste Partida”.

Adentrar nas diversas veredas poéticas de Patativa do Assaré é (re)conhecer a história de povo nordestino, que, vivendo no lado pobre do Brasil, é rico em diversidade cultural, reafirmada na resistência, anúncio do que é bom e denúncia daquilo que é opressor.

A poética de Patativa do Assaré apresenta claramente as diferenças geográficas e culturais que separam uma pessoa, comunidade, cidade, retratando lugares onde as identidades são marcadas pela forma de vida, apresentadas na fala e na forma de agir, criando relações necessárias e às vezes conflituosas.

Cante lá que eu canto cá apresenta a experiência de sujeitos, discriminando o ambiente (cidade ou campo) desde a condição climática à produção material, e é a partir dessa representação imagética, por meio das atividades manuais, na convivência com os outros, preservando e apresentando valores que são próprios, que o sertanejo reconhece sua terra como esse espaço de manifestação cultural e lugar de resistência.

Diante disso, refletir o espaço social e cultural na obra *Cante lá que eu canto cá* é extrair da terra uma história até então contada por outros, cedendo espaço a uma voz nem sempre ouvida e respondida, explorando o conhecimento que existe por trás de um sujeito simples dentro e fora da sua realidade, percebendo as diferenças e analisando as possibilidades de convivência e as reações comuns e adversas, indo além do limite geográfico, dando enfoque ao social e cultural, posicionando o sujeito falante e ouvinte em relação ao outro.

A partir da publicação de poesias de Patativa, a chamada “poesia matuta” teve notoriedade. Vale destacar que esse tipo de poesia se dá pela ausência do uso da norma culta, ou seja, há maior proximidade com o registro da fala. Na obra de Patativa analisada durante nosso estudo, essa marca oral é reproduzida na escrita, ou seja, o matuto segue falando “errado”.

Patativa apresenta o matuto em sua essência, apesar de esse homem simples em algumas situações encontrar-se em um ambiente conduzido por um mundo totalmente tecnológico. O poeta “é quem dá significado diferenciado, deixa vislumbrar sua mundividência, seus sentimentos, seus passos dados ou possíveis em tempos e espaços determinados, além de suas impressões e expressões”. (MENDES, 2018, p.

15).Na poesia matuta de Patativa do Assaré, o espaço rural será sempre destacado, por isso o sertanejo aparece ligado à agricultura, sofrendo com os danos causados pela seca e preso aos costumes e festividades locais. Um traço marcante da poesia do poeta de Assaré é seu caráter circunstancial e de curto prazo. Um exímio improvisador, conseguia realizar versos em pequeno espaço de tempo e, assim, durante sua vida, foi capaz de tirar das agruras e sofrimentos uma poesia que ganhava forma e chegava ao “mundo letrado”. É importante destacar que Patativa fazia esses improvisos em eventos como casamentos, aniversários, ou seja, é possível que muito de sua obra tenha desaparecido com ele, por não ter ganhado versão escrita. Dentro desse universo poético de Patativa do Assaré, é possível abordar temáticas diversificadas. Encontramos na produção questões relativas ao ambiente nordestino, lida diária, relações coletivas, e tudo isso dá ênfase a esse universo como lugar expressivo, de diversidade social e cultural.

É evidente que um ciclo temático não se caracteriza tão só pelo tem em si mesmo; mas ainda pelo que este tema contém de expressão social. Não só o exterior, isto é, o tema abordado, mas igualmente o conteúdo, ou seja, o que contém o tem em seu modo de colocar o assunto. Em resumo: como o poeta utilizou o assunto, em primeiro lugar: e, depois, como este tema repercute no quadro da sociedade respectiva. (LITERATURA POPULAR EM VERSOS, 1973, p. 4)

Por esse motivo, adentrar no universo poético de Patativa do Assaré, em especial na questão que separa cidade e campo, leva-nos a olhar uma história construída e apresentada por homens e mulheres portadores de cultura, envolvidos e atingidos pelas questões sociais, nem sempre favoráveis, levando-os ao deslocamento geográfico e, com ele, a mudanças significativas.

A diversidade geográfica e cultural é presente na obra de Patativa. Isso reforça a importância desse estudo, visto que o autor propõe, na maioria dos poemas, uma reflexão sobre as questões sociais, com representações de sujeitos ativos que transitam em vários espaços, que estando perto ou longe do seu ambiente conseguem apresentar de forma clara seus sentimentos. É perceptível quem é a voz que fala, que se posiciona, agindo favorável a uma situação e desfavorável a outra, ofertando grande contribuição aos estudos que envolvem os problemas humanos e sociais, indo além da bajulação e da defesa do homem sertanejo, expressando com sensibilidade e rigor um diálogo com o leitor.

“Lá” e “cá” (referenciadas como cidade e campo nos poemas de Patativa) terão grande relevância neste estudo, sendo analisadas também do ponto de vista

geográfico e cultural. As fronteiras entre o “lá” e o “cá” são apresentadas pelo sertanejo, surgindo mais visíveis quando ele encontra-se fora do seu ambiente. Longe do seu lugar de vivência, o homem do campo fala de forma saudosa da sua terra. O forte sentimento de amor e de saudade exposto pelo sertanejo em terras alheias pode ser comparado ao sentimento encontrado no poema “Canção do Exílio”, do poeta da primeira geração do Romantismo brasileiro, Gonçalves Dias.

No universo em que a voz poética se apresenta (dentro e fora do seu torrão amado), surgem diversas possibilidades de temas. O sertanejo contará sua história de vida no “cá”, lugar de beleza e felicidade.

Distante da sua terra, inserido em uma nova cultura, o “lá” para o sertanejo sempre representará um mundo diferente do seu, sendo, portanto, impossível concebê-lo como um lugar acolhedor. Ao sertanejo cabe encarar essa nova realidade e ele não será omissivo ao apresentar as diferenças existentes entre um ambiente e outro. Tais diferenças serão expostas em um texto simples, demonstrando a grande diversidade social e cultural que formam o campo e a cidade.

A análise proposta estabelece uma relação entre a construção poética de Patativa e a realidade do homem nordestino, que engajado com o meio em que vive, constrói sua identidade e define sua forma de vida. O poeta, revestido de uma intensa sensibilidade, nos convida a olhar as mazelas sociais como fruto de uma grande desigualdade, cabendo ao leitor/ouvinte uma reflexão ou simplesmente apreciação de um fazer poético que engloba tão bem o lírico e o social em uma mesma rima.

A literatura de cunho popular no campo de natureza física surge como um meio de conscientizar o homem sobre situações adversas:

A começar pelas secas, tema que o homem do Nordeste, sobretudo o do interior, tem permanentemente em sua cabeça, por tudo que são conseqüências que decorrem de uma longa estiagem, em tradições orais, aparece o motivo da seca, quer escrevendo-a, quer informando de coisas acontecidas, quer ainda revelando as tradições, as previsões sobre o tempo, ou as experiências para saber se chove. (LITERATURA POPULAR EM VERSOS, 1973, p. 4)

Cante lá que eu canto cá nos mostra o campo e a cidade como lugares distintos. Em sua construção, fica evidente o posicionamento do homem sertanejo, possibilitando uma ampla visão das questões que envolvem a existência do indivíduo e sua forma de relacionar-se com o ambiente onde vive, revelando aspectos da sua identidade e cultura, firmadas nas relações de homem do sertão conta a história que

conhece, obtida através de pequenas leituras ou do berço cultural popular em que vive. É a representação das diversas identidades sertanejas, nem sempre ouvidas e respeitadas.

Para Andrade (2003, p. 137) :

Será oportuno, assim precisar melhor as circunstâncias geográficas e socioculturais que configuram o universo sertanejo do camponês nordestino para vermos, com maior clareza, como a percepção aguda de suas condições de existência fornece ao poeta, os elementos necessários ao estabelecimento de um lugar de fala, a partir do qual, a enunciação poética ganha perspectiva e horizonte.

É visível na obra o conflito social, de um lado uma classe favorecida e, no outro, o sertanejo dentro de um ambiente carente do básico para sobreviver. Na representação do sertão nordestino, é marcante a figura de um camponês pobre em constante luta por igualdade de direitos, seja dentro seja fora do seu sertão.

Um traço marcante na poética de *Cante lá que eu canto cá* é a dinamicidade que acompanha a vida do sertanejo. O sofrimento existente não o impede de festejar as formas de vida que se manifestam no lugar em que nasceu e o convívio com a família, acreditando que as dores serão vencidas. Sobre a importância dos laços familiares, Holanda (1995, p. 81) afirma:

Dos vários setores da sociedade colonial, foi sem dúvida a esfera da vida doméstica aquela onde o princípio de autoridade menos acessível se mostrou às forças corrosivas que de todos os lados o atacavam. Sempre imerso em si mesmo, não tolerando nenhuma pressão de fora, o grupo familiar mantém-se imune de qualquer restrição ou abalo. Em seu recatado isolamento pode desprezar qualquer princípio superior que procure perturbá-lo ou oprimi-lo.

Pode falar em defesa do local quem conhece o poder da história da gente que se encontra lá, quem viu o surgimento e o fortalecimento das raízes; portanto, para o “dotô” é muito simples apresentar o novo, descartando a origem, apresentando um local que não evolui, um sertão onde atraso e sofrimento formam um único verso.

Em *Cante lá que eu canto cá*, é possível identificar um sertão apresentado de maneira autêntica. Uma poesia que surge da vivência. Segundo Debs (2002, p. 22): “[...] o que faz a força e o sabor da poesia de Patativa do Assaré é o vínculo existente entre o poeta, o sertão e a cidade. Seu canto nasce da matéria cotidiana, com seu labor, suas alegrias e seus sofrimentos”. Os poemas que compõem *Cante lá que eu canto cá* demonstram uma produção saída das entranhas do sertanejo, elaborada com a riqueza e a cultura de que é formada uma gente que sabe ser esperança e

resistência.

Ler a obra de Patativa é perceber em cada traço as manifestações que envolvem a identidade do sertanejo, relatada por uma voz que fala com fidelidade o que se passa, expondo um sertão de alento e sofrimento, onde as mudanças que chegam de forma silenciosa, não conseguem suprimir toda a história cada vez mais presente, mesmo distante do seu ambiente.

Visamos, com esta pesquisa, analisar a figura do sertanejo dentro e fora do sertão, destacando como são apresentadas nos poemas as fronteiras existentes entre seu ambiente, “cá”, e a terra do outro, “lá”. São objetivos específicos: tecer reflexões acerca do social e cultural em alguns poemas de Patativa do Assaré; destacar as diferenças entre o campo e a cidade, presentes nos poemas; analisar o processo de enunciação nos poemas.

Para uma maior compreensão acerca da poesia de Patativa, promovendo uma reflexão sobre o sertanejo enquanto sujeito nordestino, em profunda intimidade com sua terra e, sobre a diversidade que forma a vida entre o “lá” e o “cá”, serão utilizados no presente estudo, como pressupostos teóricos, *Topofilia* (1974) e *Espaço e Lugar* (1977), ambos de Yi-Fu Tuan, para estudo da relação entre o sertanejo e sua localidade, bem como dos valores que este atribui ao seu ambiente, transformando-o em lugar; Albuquerque Júnior (1994 e 2011). Também serão utilizados como abordagem teórica ou crítico-analítica Williams (1989), Andrade (2011) e Carvalho (2011), para o fortalecimento da temática apresentada pela voz poética dentro e fora do seu sertão.

O presente estudo foi dividido em quatro capítulos. O primeiro, “O ‘lá’ e o ‘cá’: entre o campo e a cidade”, será destinado à exploração teórica e reflexões sobre a temática central. Mostrará o sertanejo e sua relação com a vida no campo e na cidade, com os pressupostos teóricos de Tuan como grande contribuição para se entender a relação do sertanejo com o seu lugar.

O grande sentimento que o sertanejo possui por sua terra o faz querer permanecer nela durante toda a vida. Sua origem simples apresenta uma vida cheia de riquezas que são as belezas naturais. Nesse sentido, o segundo capítulo, “Canto cá: “A vida aqui é assim”, revela um sertanejo em grande sintonia com seu lugar. Por meio das belezas naturais, o sertanejo demonstrará um enorme orgulho em fazer parte dessa terra, que, estando verde e viva, caracteriza-se como o melhor lugar para

se viver; porém, quando modificada pela seca, obriga o sujeito a deixar toda sua história para trás e partir em busca de uma melhor qualidade de vida.

O terceiro capítulo, intitulado “Eu tou na terra estranha e é bem triste o meu pená”, mostra o sertanejo vivenciando uma “triste partida”. Obrigado a deixar seu torrão natal, o sertanejo passará por diversas situações, ainda piores que a fome que o obrigou a partir. O grande descontentamento o fará, na maioria das vezes, tecer comparações entre seu ambiente e o novo local em que se encontra.

E, por fim, o quarto capítulo, “Lá no cá - a presença da cidade no sertão”, dispõe sobre a figura do homem moderno no campo. A figura do “dotô” representa toda a modernidade que abala os laços comunitários construídos na simplicidade do cotidiano sertanejo. Esse homem simples que fala com alguém superior, cuja profissão não sabemos, sente orgulho de ser do campo, de viver de maneira simples.

CAPÍTULO 1

CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

A forma como nos relacionamos com algo tem a ver com a experiência vivenciada em um dado momento, em um determinado espaço. No livro *Espaço e Lugar*, Yi-fu Tuan tem a experiência como ponto central para a diferenciação entre espaço e lugar. Segundo ele, a experiência envolve sensações, emoções e pensamentos. O espaço se faz necessário para a sobrevivência humana, mas o lugar é que representa segurança.

Questões que envolvem campo e cidade têm sido objetos de estudo em diversas áreas e são sempre apresentadas com significados distintos. Não nos interessa nesse momento a questão conceitual, e sim tecer uma reflexão sobre cidade e campo levando em consideração as relações sociais existentes em cada um.

Neste primeiro capítulo, nos valeremos dos pressupostos teóricos do geógrafo Yi-fu Tuan, em especial a temática presente nos livros *Topofilia* e *Espaço e Lugar*, para que compreendamos a vida do sertanejo quando se trata da sua terra e o forte elo que ele mantém com ela. Analisando a figura do sertanejo dentro e fora da sua terra, percebemos que este concebe e vive nesses lugares de forma diferenciada. Seu sertão não é apenas um espaço sem significado, é um local que deve ser visto como lugar afetivo.

1.1 O mundo na visão de Yi-fu Tuan

A ideia de lugar é objeto de debate em diversas áreas, em especial geografia. Durante nosso estudo sobre a poesia de Patativa do Assaré, somos convidados a adentrar no universo de Yi-fu Tuan geógrafo sino-americano, que nasceu em 5 de dezembro de 1930. É um dos mais importantes nomes da geografia humanista, corrente da geografia, que, visando entender os valores e comportamentos das pessoas, estuda suas experiências em relação ao espaço em que estão inseridas. Definida por teorias que destacam o valor das experiências e a forma como as pessoas compreendem o ambiente, essa geografia busca compreender o universo do homem por meio de um estudo que leve em consideração suas diversas relações com outros indivíduos e com o meio em que vive. Ainda no que se refere ao homem (à sua

forma de pensar e agir sobre o ambiente), a geografia humanista considera de grande relevância os conceitos de espaço e de lugar.

Professor universitário, Tuan desenvolveu na universidade de Minnesota um estudo geográfico voltado para as alegrias e dificuldades enfrentadas pelo homem. No meio desse contexto, no ano de 1974, surge *Topofilia*, cujo objetivo é estudar de forma detalhada os sentimentos, principalmente o de apego, que o homem possui em relação ao ambiente, ou seja, o amor devotado a seu lugar.

O autor propõe uma análise do responsório psicológico comum a todo ser humano, mostrando que tais respostas se manifestam e são perceptíveis no aspecto cultural do povo, ou seja, a cultura contribui significativamente para que um determinado lugar seja considerado como tal.

Tuan consagrou o termo “Topofilia” como sendo a grande ligação que uma determinada pessoa possui com seu ambiente. O amor pela natureza, pela região e pelos espaços do ambiente são exemplos do que o autor, no decorrer da obra, vai usar para esclarecer pontos da referida temática.

Tuan ainda tece provocações sobre o que os homens possuem em comum e a importância de uma organização coletiva. Somos limitados a olhar algo de uma forma específica e tendemos a compartilhar percepções comuns. Isso se deve ao fato de possuímos órgãos similares. O contrário também é verdadeiro, pois nada impede que pessoas diferentes no que se refere a idade, a temperamento e a cultura, possam compartilhar do mesmo mundo.

O jeito como percebemos o meio em que vivemos tem uma certa influência na nossa forma de nos relacionarmos com ele. O ser humano constrói seu mundo de diferentes formas, muitas vezes levando em consideração sua percepção:

Nas culturas que conhecemos, as associações parecem naturais ou apropriadas. Com as culturas estranhas, elas parecem completamente arbitrarias. É desnecessário dizer que, para o nativo, embora ele não possa apreender o quadro cosmológico em sua totalidade, as partes que conhece lhe são significativas e razoáveis. (TUAN, 1974, p. 21)

Por meio do elo construído com o meio, este passa a ser denominado lugar, e, nesse processo, são de grande importância as relações entre esse e o aspecto cultural, pois, através deste, surge a manifestação simbólica. O sertanejo em *Cante lá que eu canto cá* dá grande importância ao seu lugar. Cada canto da sua terra é visto como o lugar ideal para se viver.

Cada povo possui uma forma de vida e, por meio dela, tem suas percepções em relação ao que acontece com o ambiente. Por não possuir respostas para diversos acontecimentos, o ser humano apega-se a algo superior, visando a uma maior compreensão da realidade que o cerca. Mesmo uma forte chuva ou a ausência dela podem ser explicadas de forma transcendental. O sertanejo, inserido em um ambiente que se modifica de acordo com as mudanças climáticas, possui grande apego a um ser supremo, na existência Dele estariam as respostas que lhe tornam possível entender o que se passa no seu sertão.

Tuan (1974, p. 68) nos lembra que “para compreender a preferência ambiental de uma pessoa, necessitaríamos examinar sua herança biológica, criação, educação e os arredores físicos”. Ainda analisando a questão dos grupos dentro do aspecto cultural, Tuan (1974) fala também entre ser visitante e nativo. Os dois não verão um determinado ambiente da mesma forma, mas é importante que se tenha clareza de que a opinião do visitante deve ser considerada. Tuan (1974, p. 75) nos mostra que:

Obviamente, o julgamento do visitante é muitas vezes válido. Sua principal contribuição é a perspectiva nova. O ser humano é excepcionalmente adaptável. Beleza ou feiúra – cada uma tende a desaparecer no subconsciente à medida que ele aprende a viver nesse mundo. O visitante, freqüentemente, é capaz de perceber méritos e defeitos, em um meio ambiente, que não são mais visíveis para o residente.

Quem vem de fora não possui uma ligação com a localidade, ou seja, o lugar pouco representa para ele. O nativo, por sua vez, possui experiências carregadas de sentimentos e portadoras de valores. Em Patativa, encontramos o sertanejo saindo do seu lugar e, às vezes, tendo a presença de alguém de fora em sua localidade. Vale destacar que os *habitats* do mundo humano variam muito e podem ser classificados de diversas formas; portanto, é impossível que um sujeito que veio de fora tenha o mesmo comportamento com o ambiente, igual ao que viveu nele durante grande parte da sua vida. Sobre a questão do meio ambiente e da visão do mundo, Tuan (1974, p. 91) fala:

O meio ambiente natural e a visão do mundo estão estreitamente ligadas: a visão do mundo, se não é derivada de uma cultura estranha, necessariamente é construída dos elementos conspícuos do ambiente social e físico de um povo. Nas sociedades não tecnológica, o ambiente físico é o teto protetor da natureza e sua miríade de conteúdos. Como meio de vida, a visão do mundo reflete os ritmos e as limitações do meio ambiente natural.

A topofilia é mais do que um sentimento. A forma como o homem percebe seu ambiente reflete as experiências vivenciadas, ou seja, o lugar ou ambiente produzem

imagens para a toponímia. O meio ambiente pode não ser a causa direta dela, mas sem ele seria impossível compreendê-la, pois este funciona como uma espécie de fornecimento de estímulos sensoriais, que, agindo como imagem percebida, dá forma às nossas alegrias e tristezas. Tuan ainda nos reforça que o sentimento e a familiaridade seriam a garantia de o ser humano estar seguro das perplexidades do mundo exterior.

A toponímia está presente na identificação do sertanejo com o lugar, bem como na relação afetiva com esse ambiente natural que lhe dá a garantia de viver no melhor abrigo. Para o sertanejo, o sertão é esse lugar ideal onde o sentido de coletividade o protege de tudo o que a modernidade impõe. É essa ligação afetiva com o seu ambiente que nos permitirá entender os diversos comportamentos do sertanejo, dentro e fora de sua terra.

É comum se encontrar em determinados ambientes o culto a um ser superior. A estes são atribuídas algumas conquistas e a ele se recorre quando algo não sai como esperado. Segundo Tuan (1974, p. 148): “O homem desempenha dois papéis: o social-profano e o mítico-sagrado, aquele preso ao tempo e este transcendendo o tempo”. O homem vive cada vez mais distante dos ambientes naturais. Um exemplo disso é a opção pela agitada vida na cidade, sem vínculo com qualquer objeto que remeta à sacralidade. Por outro lado, é possível identificar também um sujeito em profunda sintonia com algo sagrado, em que, para ele os acontecimentos terrenos dependem do que acontece no céu e são necessários para uma maior ressignificação das experiências vivenciadas nos ambientes.

Tendo a necessidade de respostas para os acontecimentos terrenos, o homem, principalmente o mais idoso, precisa ter um lugar, uma espécie de refúgio, onde possa “descansar” das adversidades da vida. O sertanejo, em especial o idoso, aquele dedicou toda a sua vida ao cultivo da terra, tem nas noites de lua clara a certeza de que um ser sagrado o recompensará por todas as dificuldades enfrentadas ao longo da vida.

No decorrer da obra, o geógrafo enfatiza as diferenças existentes entre o campo e a cidade. Para ele: “A cidade libera os seus cidadãos da necessidade de trabalhar incessantemente para manter seus corpos e do sentimento de impotência diante dos caprichos da natureza”. (TUAN, 1974, p. 172). Carregada de símbolos, a ideia da cidade é representada como espaço ideal, onde o homem pode desfrutar do

ambiente como uma espécie de ser superior aos demais que vivem fora dela. Tuan (1974, p. 172) explica essa relação:

“O ar da cidade faz o homem livre” é um provérbio alemão da Idade Média: os homens livres viviam dentro dos muros das cidade e os servos fora, nos campos. A supremacia da cidade com o Ideal sobre a vida rural está entrelaçada com os significados das palavras. Desde o tempo de Aristóteles “cidade”, para os filósofos e poetas, representou a comunidade perfeita. Os cidadãos viviam na cidade; os servos e os vilões viviam no campo. A cidade do homem, onde o bispo tinha a sua sede, era uma imagem da Cidade de Deus: no campo longínquo [sic] ou sertão estavam os sertanejos; e no distrito rural ou vila (*pagus*) estavam os campônios ou pagãos.

Nesse aspecto, surgiu a necessidade de “uma cidade ideal”, mantida como superior, e os demais espaços foram enquadrados dentro de um cenário de inferioridade:

Por exemplo, se a interpretação econômica é aceita sem restrições, ficaremos sem argumentos para explicar o poder da cidade em inspirar respeito e lealdade. A interpretação econômica vê a cidade como uma consequência do *superávit* econômico: os produtos que as aldeias não podem consumir são trocados em um lugar apropriado, que eventualmente se transforma em vila-mercado e cidade. Obviamente, as cidades têm que ser mantidas pelos campos que as circundam. Porém, uma área pode chegar a ter uma próspera agricultura e uma alta densidade populacional sem gerar urbanismo. (TUAN, 1974, p. 173)

Visando promover a cidade, os grupos que possuem interesses apresentam somente o que chama atenção de modo favorável, por isso as imagens apresentadas, inclusive nos cartões postais, refletem interesses locais, sobretudo no campo econômico

Paralelamente a esse estudo que deu origem ao livro *Topofilia*, Tuan dedicou-se a um outro, visando a um conceito espacial que levasse em consideração as propostas humanistas, surgindo assim, no ano de 1977, a obra *Espaço e Lugar*. Para ele, esses dois aspectos tinham que ser estudados levando-se em consideração as ideias e sentimentos dos envolvidos. Sobre o livro, destaca:

Este livro chama a atenção para as questões formuladas pelos humanistas sobre espaço e lugar. Procura sistematizar os *insights* humanísticos, expô-los em sistemas conceituais (aqui organizados na forma de capítulos), de modo que sua importância seja evidente para nós, não somente como seres pensantes interessados em saber mais sobre a nossa própria natureza – nossa potencialidade para experimentar – mas também como arrendatários da Terra, preocupados na prática com o projeto de um habitat mais humano. (TUAN, 1983, p. 7)

Como Tuan define espaço e lugar? Na visão do geógrafo, o lugar é constituído por sujeitos e as relações que constroem ao longo de sua vida. Por meio do estudo de Tuan, o lugar ultrapassa o conceito *lócus* e recebe um sentido mais abrangente,

em que são levadas em consideração a vida do homem e suas relações e experiências com o ambiente: “Espaço e lugar” são termos familiares que indicam experiências comuns”. (TUAN, 1983, p. 3). Fica claro que o lugar não é apenas um ambiente qualquer. Para que haja “lugar”, é necessária a existência de vínculos afetivos nele. Segue reafirmando: “O lugar é segurança e o espaço é liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro. Não há lugar como o lar. O que é lar? É a velha casa, o velho bairro, a velha cidade ou a pátria” (TUAN, 1983, p. 3).

Patativa do Assaré, em especial nos poemas que falam da natureza viva e da simplicidade do sertão, apresenta um eu lírico extremamente apaixonado pelo lugar. O vínculo afetivo gera uma grande identificação, de forma que se fundem e tudo o que passa nele é sentido e vivido de forma intensa, ou seja, tudo o que diz respeito ao lugar é visto com grande significado. Muitos poemas são dedicados a expressar o grande afeto por locais que marcaram a infância de Patativa do Assaré, que foram importantes para sua história. Tuan nos reforça que as relações subjetivas são determinantes para que um espaço deixe de ser mera localidade; desse modo, o sentimento desenvolvido através da estada em um ambiente específico vai contribuindo para a permanência nele, o que o geógrafo chama de “pausa no movimento” e que é de grande relevância para a compreensão da perspectiva experiencial.

No que tange à questão experiencial, Tuan define “experiência” como um termo que abrange as diferentes maneiras através das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade, variando desde os sentidos e envolvendo a questão emocional, pois é ela que dá colorido a toda e qualquer experiência humana, inclusive às coisas simples, como calor e frio, prazer e dor. Sobre ela afirma:

A experiência tem uma conotação da passividade; a palavra sugere o que uma pessoa tem suportado ou sofrido. Um homem ou mulher experiente é a quem tem acontecido muitas coisas. No entanto, não falamos das experiências das plantas e, mesmo nos referindo aos animais inferiores, a palavra “experiência” parece inapropriada. Porém existe um contraste entre um cachorrinho e um experiente mastim; e os seres humano são maduros ou imaturos dependendo de terem ou não tirado vantagens dos acontecimentos. Assim, a experiência implica a capacidade de aprender a partir da própria vivência. (TUAN, 1983, p. 10)

Por meio dessa perspectiva, fica claro que o lugar é constituído por vivências pessoais e os acontecimentos que transformaram um simples local em lugar são frutos de experiências íntimas. Em Patativa, o lugar dá a garantia da mais bela existência. Mesmo quando apresenta-se desfavorável, sem vida, a natureza não deixa

de ser reconhecida, pois também representa a identidade local. Tendo sido obrigado a partir, o sertanejo não conseguiu deixar os acontecimentos do sertão para trás; portanto, em cada ambiente novo em que se encontre, “um pedacinho do sertão” estará com ele.

O lugar não se forma de um momento para outro. Ele é a junção de diversos acontecimentos que o fazem ter uma grande importância, seja pessoal seja no aspecto coletivo. O lugar passa a ser, para um determinado sujeito, o “seu mundo”. A importância atribuída a uma localidade passa também pelo âmbito cultural, pois, sendo espaço de vivências, apresenta um sentido próprio para os habitantes, ou seja, o lugar possui ligação direta com o que foi determinante para sua construção. Efetivada na vivência, a experiência de um lugar pode ser expressa de diversas maneiras.

Distante do nosso lugar de vivência, é possível enxergar de forma mais clara quão valioso é tudo o que foi construído nele. O lugar tem grande importância no fato de um sujeito preferir uma coisa a outra. O lugar é formado por um conjunto de vivências, o que o torna diferente de outro, pois carrega em si características da cultura local. O sertanejo patativano exalta a vida no campo, considera-se roceiro, matuto e gosta de ser reconhecido como tal. O sertão é dotado de significados e valores que não podem ser separados da experiência cotidiana.

O lugar nos identifica: “O espaço e o tempo ganharam subjetividade ao serem orientados para o homem. Certamente espaço e tempo sempre estiveram estruturados de acordo com os sentimentos e necessidades individuais [...]” (TUAN, 1983, p. 137). Fora do “nosso aconchego”, nos sentimos vazios, pois os lugares com que temos intimidade, são o porto seguro onde encontramos carinho, são fundamentais.

O lugar deve ser considerado para além de suas características físicas. Deve-se levar em consideração todo o contexto que o constituiu. Assim, poderá haver valorização do modo de vida existente e da cultura que se manifesta ali. Tuan (1983, p. 197) nos lembra que: “os lugares podem se fazer visíveis através de inúmeros meios: rivalidade ou conflito com outros lugares, proeminência visual e o poder evocativo da arte, arquitetura, cerimônias e ritos”. Esses lugares humanos se tornam muito mais reais através da dramatização. Alcança-se a identidade do lugar pela dramatização das aspirações, necessidades e ritos funcionais da vida pessoal e dos

grupos.

O estudo proposto por Tuan nos reforça a existência de uma relação subjetiva entre percepção e a representação dos homens no que se refere aos seus ambientes. E afirma ainda que tal relação possui um elo com as crenças que manifestam e com as condições de vida existentes nesse lugar. O sertanejo de “A fogueira de São João” representa esse aspecto destacado por Tuan, pois, para ele, o sertão seria esse lugar onde a identidade cultural é marcante, onde ainda existe a valorização do ambiente e onde todos se identificam com as histórias construídas nele, atribuindo grande significado às experiências partilhadas.

Para o geógrafo, entender que tempo e lugar estão relacionados é uma problemática que requer diferentes abordagens. O lugar é um mundo de significado organizado. Se fosse olhado como um processo em constante mudança, seria impossível lhe atribuir algum sentido. Os movimentos realizados dentro de casa, como mudar um móvel de lugar, possuem significados. Tudo possui um significado.

Como destaca Tuan (1983, p. 202): “Quase tudo se aprende ao nível do subconsciente. Assim adquirimos o gosto por certa comida, aprendemos a gostar de uma pessoa, a apreciar uma pintura e a nos afeiçoarmos a um bairro ou lugar de veraneio”.

O sertanejo é fruto de diversas relações que foram determinantes para que ele tenha um grande apego ao lugar. Os valores adquiridos nessa relação com o meio o fazem enxergar qualquer outro ambiente como um mero espaço. No caso da vida no sertão, a relação com a paisagem e a relação com tudo o que é natural dão ao sertanejo a certeza de que habita o lugar ideal.

1.2 Campo e cidade: espaços de vivência e de cultura

Sendo uma temática bastante complexa, a relação entre cidade e sertão vai muito além do aspecto geográfico: “É amplamente aceito que o campo é antítese da cidade, independente das verdadeiras condições de vida destes dois ambientes.” (TUAN, 1974, p. 125). Compreender as relações de vida existentes no campo e na cidade é fundamental para que sejam considerados diversos fatores e não apenas um relato sobre as comunidades rurais e urbanas. É possível pensar o campo e a cidade como espaços que podem ser modificados pelas relações sociais e econômicas,

sendo o espaço rural mais fortalecido pela ligação do homem à terra. Na área urbana, por sua vez, o processo de industrialização é o que contribui significativamente para a forma de vida do homem.

Campo e cidade possuem suas diferenças, dentre elas podemos citar as questões ambientais, o número populacional e o estilo de vida. É importante frisar que tais diferenças, segundo Tuan, se dão devido às preferências locais e às relações que vão sendo construídas ao longo do tempo.

Tanto o campo quanto a cidade possuem qualidades, limitações e precisam ser reconhecidos como espaços culturais e de vivência. Constituídos como lugares dinâmicos, ambos são permeados pela vivência de indivíduos portadores de história. Durante muito tempo o campo foi visto somente pelo aspecto negativo, ou seja, tudo que se relacionava a primitivo e ultrapassado pertencia ao ambiente rural. A cidade, por sua vez, seria o lugar civilizado, onde o progresso acontecia. Ao adentrarmos no universo relativo ao campo e à cidade, é preciso ter claro que cada um possui suas especificidades. As diferenças sempre existirão e não precisam ser tratadas por uma visão de superioridade e inferioridade. Pode-se falar em convivência, organização. Não necessariamente precisa haver sobreposição. Campo e cidade possuem, muito mais que fronteiras geográficas, particularidades ideológicas e culturais. É preciso saber conviver com as diferenças, que vão muito além das características físicas.

É notório que mudanças ocorrem diariamente em cada espaço. Campo e cidade possuem uma relação às vezes conflituosa, deixando perceptível uma visão dicotômica e até de subordinação daquele a esta. Trabalhar as diferenças existentes, classificando-as entre superioridade (cidade) e inferioridade (campo), é desconsiderar os aspectos culturais existentes em cada espaço.

A questão da homogeneização é um debate longo. Há nos espaços urbanos e rurais sujeitos que resistem a certas transformações que chegam como imposição, em especial no que tange ao aspecto cultural. Tanto na cidade quanto no campo existem pessoas que valorizam as experiências de vida, uma vez que simbolizam sua história. Para Raymond Williams:

Já vimos que com frequência uma idéia do campo é uma idéia de infância: não apenas as lembranças localizadas, ou uma lembrança comum idealmente compartilhada, mas também a sensação de infância, de absorção deliciada em nosso próprio mundo, do qual no decorrer do processo de amadurecimento, terminamos nos distanciando, de modo que esta sensação e o mundo tornam-se coisas que observamos. (1989, p. 397-398)

A identidade de um povo permanece viva, manifesta-se onde quer que esteja, independentemente do tempo e do espaço geográfico. A forma de vida de cada povo, seja no ambiente rural seja no urbano, é fruto de várias histórias que vão sendo passadas de uma geração a outra, como marca da sua identidade local e cultural.

As diferentes manifestações culturais que separam campo e cidade são reais. Tais diferenças precisam ser identificadas e respeitadas, levando-se em consideração as especificidades que as compõem. Ainda no que se refere às diferenças existentes entre o espaço urbano e rural, Marx e Engels (1998, p. 55) asseveram: “A cidade constitui o espaço da concentração, da população, dos instrumentos de produção, do capital, dos prazeres e das necessidades, ao passo que o campo evidencia o oposto, o isolamento, e a dispersão”. A partir do exposto, é possível perceber que tais diferenças colocam o campo sempre em desvantagem; porém, com os vários problemas que foram surgindo nas grandes cidades, como, por exemplo, as poluições e doenças urbanas, o campo passou a ser percebido como possuidor de aspectos positivos, onde seria possível viver.

Dando ênfase a algumas considerações sobre os meio de vida, Candido (1998, p. 28) afirma:

A existência de todo grupo social pressupõe a obtenção de um equilíbrio relativo entre as suas necessidades e os recursos do meio físico, requerendo da parte do grupo, soluções mais ou menos adequadas e completas, das quais depende a eficácia e a própria natureza daquele equilíbrio. As soluções, por sua vez, dependem da quantidade e qualidade das necessidades a serem satisfeitas.

Partindo de tal aspecto e traçando um paralelo com a vida de quem habita no campo, pode-se dizer que a profunda sintonia com a terra é estruturada nesse equilíbrio entre habitar o meio natural e o cultivo do essencial para a sobrevivência: “as sociedades se caracterizam, antes de mais nada, pela natureza das necessidades de seus grupos, e os recursos de que dispõem para satisfazê-las” (CANDIDO, 1998, p. 29).

É notório que a cidade se constitui como um espaço de maior crescimento, tanto do ponto de vista populacional e territorial como do de possibilidades para uma maior e melhor qualidade de vida; porém, afirmar-se que no campo não se poder viver bem, levando-se em consideração que as questões tecnológicas são cada vez mais presentes no campo, é cair no erro.

Sabe-se que o campo é mais deficiente nas questões de políticas públicas. A negação de direitos fundamentais impede que a população rural possa usufruir de condições favoráveis. Muitas pessoas que habitam o campo enfrentam ao longo do tempo um processo de negação dos direitos, dentre eles, acesso à educação, água, moradia e outros direitos que são essenciais para a garantia de uma vida digna. Pensar a vida de muitas famílias que permanecem no campo é perceber uma realidade de grande exclusão, sendo impossível falar em igualdade entre as políticas voltadas para o campo e as direcionadas para a cidade.

Vale ressaltar que os dois espaços são compostos por relações e hábitos de vida diferenciados. No campo, forma-se um profundo contato com a terra, com um ambiente natural, onde até os momentos de lazer, por exemplo, acontecem em meio à natureza, a qual orienta muitos dos diversos hábitos típicos do cotidiano rural. Ao contrário, a vida na cidade é direcionada pela tecnologia, inclusive para as atividades mais simples, como tarefas domésticas, e a natureza muitas vezes é despercebida.

Os hábitos de vida diferenciados nos dois espaços se adequam às situações vivenciadas e são particularidades de cada ambiente. Tais hábitos possibilitam diversas relações que se constroem e de certa forma se complementam. Mais do que vê-los como pontos divergentes (que realmente existem), é olhá-los como espaços formados também pelos aspectos culturais locais:

Assim, o meio rural aparece de início como grande celeiro potencial, que não será utilizado indiferentemente, em bloco mas conforme as possibilidades de operação do grupo; pois os animais e as plantas constituem, em si, alimentos do ponto de vista da cultura e da sociedade. É o homem quem cria como tais, na medida em que os reconhece, seleciona e define. O meio se torna deste modo um projeto humano nos dois sentidos da palavra: projeção do homem com as suas necessidades e planejamento em função destas – aparecendo plenamente, segundo queria Marx, como uma construção da cultura. (CANDIDO, 1998, p. 34)

O homem se identifica por meio da cultura. Possuindo características de um determinado ambiente, o sujeito é reconhecido como tal e, dentro dessa identidade, automaticamente percebe no outro as semelhanças e/ou diferenças existentes. Cada localidade possui algo que a identifica e que, na mesma proporção, a torna diferente de uma outra, sendo fortalecida, muitas vezes, por meio das relações sociais. O jeito como nos portamos numa determinada situação, a forma de falar, os alimentos de que mais gostamos, deixam claro que estamos inseridos num espaço cultural, na maioria das vezes, adquirido de gerações anteriores. É dentro desse arcabouço cultural que, mesmo passando por diversas mudanças ao longo do tempo, somos

identificados como sendo de um determinado ambiente.

Sobre a vida no campo e a produção artística de Patativa do Assaré, é importante frisar que, para o poeta, havia um único paraíso no mundo: sua Serra. Por isso em sua poética ela recebe vários atributos. Esse lugar aparentemente sem valor para quem não pertence a ele, representa para Patativa o lugar onde sua história de vida foi formada. Cada pedaço do seu chão possui significado. Nele foram construídos laços individuais e coletivos; portanto, para o autor, alguém que não tem vínculo olhá-lo como se fosse apenas mais um lugar, sem valor, principalmente quando se encontra seco, não consiste um problema, pois “Quando ele fala da Serra, que é áspera e sertaneja, seca e pedregosa, está falando da terra que poderia ser partilhada” (CARVALHO, 2009, p. 129). Possuidor de um grande conhecimento sobre as dificuldades enfrentadas pelo homem do campo, há na poética de Patativa um enorme desejo de vida igualitária entre este e o homem da cidade, ou, pelo menos, que o sertanejo possa permanecer em sua terra e nela possa sobreviver dignamente.

O sertanejo de Patativa enfrenta a realidade da fome e seca, mas ele sabe que um sofrimento ainda maior é o que vem de fora, muitas vezes é oprimido pelo jeito de ser, pela forma como fala, pela identidade manifestada de forma simples, o que o impossibilita de ter voz e vez na sociedade, pois a aceitação em certos contextos sociais depende do preenchimento de padrões estabelecidos. Às vezes silenciado por uma realidade desfavorável, como dito anteriormente, o sertanejo de Patativa tem consciência de que precisa falar, mesmo que não consiga construir um diálogo:

Marcante na produção de Patativa do Assaré é o seu compromisso com o outro ou com todos, melhor dizendo. Mesmo quando o poema está centrado na primeira pessoa, mesmo quando a dor ou o amor aparece individual, ele se projeta e assume uma dicção que passa a ser da Humanidade como um todo. (CARVALHO, 2009, p. 129)

Parte da história do sertanejo é apresentada partindo em defesa de uma realidade local, pois sendo homem simples, acredita que sua forma de vida, sua história e manifestação cultural integram a sociedade e que sua fala, dita errada, não precisa ser alterada para poder conviver com o novo.

Reconhecer-se como pertencente a uma localidade é valorizar o que foi construído por gerações anteriores. A vida de lutas e de sacrifícios e as conquistas diárias são motivo de orgulho, e somente quem vive essa realidade é capaz de suportar os desafios do cotidiano.

O sertão, esse ambiente dividido entre vida e morte, verde e seca, é, sobretudo, um lugar de aconchego, sinônimo de paz; a cidade, por sua vez, o oposto. Reconhecendo-se como um sujeito do campo, o sertanejo encontra nas belezas naturais a verdadeira riqueza, o afago diante dos desprazeres da vida. E, ao expor as diferenças entre sua terra e a do outro, reafirma a impossibilidade de ser feliz fora do seu *habitat* natural e que, neste lugar, estaria o remédio para alguns males que se originam nas cidades.

O sertão de Patativa é rico, dentre outras coisas, pela dimensão cultural. Nesse sertão em que vida e natureza se unem, apresentado por um sertanejo fortemente ligado a ele, encontra-se o exemplo concreto do que Tuan chama de “lugar”. A relação amorosa do sertanejo com o campo é perceptível nos poemas de Patativa do Assaré. Na força dessa relação, estaria o sentimento de rejeição ao que vem de fora como modificador da história local. As práticas culturais do sertão, a ideia de pertencimento e o relato de vida nos poemas analisados demonstram a existência da topofilia, principalmente quando o sertanejo encontra-se distante do seu ambiente.

Na representação do sertanejo dentro de *Cante lá que eu canto cá*, encontramos versos que apresentam o sujeito em um ambiente diferente do seu; em outros, relatos afetivos sobre a vida no sertão. Por meio da leitura teórica proposta por Tuan, discutiremos nos próximos capítulos a forte relação do sertanejo com o espaço rural, o sentimento que possui e o grande valor atribuído a tudo que pertence ao sertão.

CAPÍTULO 2

CANTO CÁ: “A vida aqui é assim”

A poesia de Patativa surge no sertão nordestino, seu lugar de origem, ou seja, o poeta e sua produção se originam do mesmo ambiente e seguem o mesmo caminho. Sua poesia é como uma semente que brota da terra e nela encontrará sua sustentação. No sertão está tudo que ama, e, dentro dele, o poeta enxerga elementos naturais e culturais que dão vida à sua arte: “O poeta é uma síntese que nasce do encontro de duas belezas, a da natureza e a da cultura. Por isso além de um sensitivo ele precisa ser também um ‘formador’.” (ANDRADE, 2003, p. 37).

Representando a vida do povo sertanejo, o poeta trouxe para sua construção poética a forte integração que existe entre cultura e natureza, algo que vai surgindo de forma natural, pois essa vivência é uma importante ferramenta para sua produção: “A terra é a âncora do sertanejo. Além de sua identificação com o povo da região, o poeta resgatou os mais originais valores da comunidade. Dentre eles destaca-se a valorização de sua terra.” (ALENCAR, 2009, p. 81).

Patativa nos apresenta em sua poética os dois lados de uma região nordestina. Primeiramente, encontramos relatos de matas floridas e terra produtiva, para em seguida nos depararmos com um sertão ressecado, sendo impossível qualquer forma de vida nele. Sobre a figura do sertanejo, homem típico dessa região, Magalhães (1970, p. 26) nos diz que ele é natural do *habitat* nordestino, em especial dessa mesorregião chamada sertão.

Ainda no que se refere a essa localidade e o tipo de habitante comumente encontrado nela, o referido autor comenta sobre suas características físicas e sua natureza. Segundo ele, o sertanejo normalmente é: “alto, menos moreno, de cabelos castanhos, às vezes arruivados, olhos pardos e não raros azuis, seco de carne, mas musculoso de uma sobriedade e coragem admiráveis” (MAGALHÃES, 1970, p. 28). Esse homem que segue o ciclo da natureza, às vezes cheio de vigor e em outras ocasiões, sem vida, é típico do sertão, sendo consciente de que se a natureza muda, ele também sofrerá mutações.

O sertão é um espaço riquíssimo tanto de bens naturais, como de cultura. E é nesse espaço que a voz poética parte em defesa da sua história. Para Beltrão (1976, p. 37), o fazer poético de Patativa é vivo, pois surge do valor que tem uma região:

Não há melhor laboratório para a observação do fenômeno comunicacional do que a região. Uma região é o palco em que, por excelência, se definem os diferentes sistemas de comunicação cultural, isto é, do processo humano de intercâmbio de ideias, informações e sentimentos, mediante a utilização de linguagens verbais e não-verbais... e de canais naturais e artificiais empregados para a obtenção daquela soma de conhecimentos e experiências necessárias à promoção da convivência ordenada e do bem-estar coletivo.

Os valores culturais do sertanejo são constituídos dentro desse ambiente rural e são fortalecidos nas atividades mais simples do cotidiano. Em “Vida Sertaneja”, encontramos o representante dessa região:

Sou matuto sertanejo,
Daquele matuto pobre
Que não tem gado nem quêjo,
Nem ôro, prata, nem cobre.
Sou sertanejo rocêro,
Eu trabaio o dia intêro,
Que seja invrno ou verão.
Minhas mão é calejada,
Minha peia é bronzuada
Da quentura do sertão.

Às vez, alegre e contente,
Quanto é tempo de fartura,
Ele diz pra sua gente:
Nossa safra tá segura!
Mas, de repente, intristece,
Pruquê os home de posição
Só oia para o seu rosto
Pra ele pagá imposto
Ou votá nas inleição. (ASSARÉ, 2012, p. 75)

Consciente de que a “vida sertaneja” o torna um sujeito experiente, o sertanejo constrói e reconstrói seu cotidiano. Tuan define “experiência” como um termo que abrange as diferentes maneiras através das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade, variando desde os sentidos e envolvendo a questão emocional, pois é ela que dá colorido a toda e qualquer experiência humana, inclusive às coisas simples, como calor e frio, prazer e dor. A experiência, segundo o autor, é formada por meio de pensamento e sentimento:

Os seres humano são maduros ou imaturos dependendo de terem ou não tirado vantagens dos acontecimentos. Assim, a experiência implica a capacidade de aprender a partir da própria vivência. Experimentar é apreender; significa atuar sobre o dado e criar a partir dele. O dado não pode ser conhecido em sua essência. O que pode ser conhecido é uma realidade que é um constructo da experiência, uma criação de sentimento e pensamento. (TUAN, 1983, p. 10)

Patativa é filho do sertão e viveu nele durante toda a sua vida; por isso, um sertanejo sofredor, experiente e consciente, que, mesmo sendo analfabeto, domina questões de cunho social e parte em defesa daquilo em que acredita. Pela agilidade poética desse autor, o sertanejo observador, falante e participante na maioria dos acontecimentos, transitará por um cenário que segue o círculo da natureza, com imagens de uma terra viva, até mesmo de religiosidade e cultura, e sem vida, no período da estiagem.

Durante muito tempo a região Nordeste foi reconhecida somente pelo aspecto da seca. Muitos autores, inclusive no campo literário, reproduziram em suas obras a dor do camponês nesse chão infértil: “A seca surge na literatura como aquele fenômeno detonador de transformações radicais na vida das pessoas, desorganizando as famílias social e moralmente.” (ALBUQUERQUE JR, 2011, p. 139).

As raízes do sertanejo encontram-se fincadas nessa terra, um Nordeste que durante um tempo pode ser triste e sem vida, mas também pode ser um espaço vivo, cheio de costumes, crenças e religiosidade, onde o camponês vive com sua família e no cultivo dos produtos que lhe garantem a sobrevivência.

Plácido Nunes (2012, p. 13), comentando sobre o livro em estudo, destaca que Patativa possui uma visão de dois mundos: o campo e a cidade e, “além desta visão dos dois mundos subsistentes nos mitos sertanejos, apresenta claramente as crenças, os valores e os ideais de uma época e de uma região”, a região Nordeste. É neste cenário dinâmico, em momentos favoráveis e desfavoráveis, que o sertanejo de nome Zé, João, Chico, Mané... constrói sua identidade cultural.

Na natureza estaria o maior orgulho de pertencer ao Nordeste, ela oferece inclusive o medicamento para tratar os males físicos, pois para as questões espirituais, o Nordeste conta com a existência de um Criador, um Ser que é a resposta para acalmar todas as adversidades.

Neste capítulo, nos propomos a apresentar o sertanejo dentro do seu ambiente, possuindo grande intimidade com essa terra. Ela é o lugar onde quer permanecer. A ideia de “lugar” pode assumir diversos conceitos, dentre eles o de qualquer espaço estável que capte nossa atenção. Ao nos depararmos com uma certa cena, fixamos olhar apenas nos pontos de maior interesse. Tuan (1983, p. 180) afirma:

Muitos lugares, altamente significantes para certos indivíduos ou grupos, tem

pouca notoriedade visual. São conhecidos emocionalmente, e não através do olho crítico ou da mente. Uma função da arte literária é dar visibilidade a experiências íntimas, inclusive às de lugar.

O lugar tem o valor que o povo atribui a ele, o que não pode ser considerado por outros:

Objetos que são admirados por uma pessoa, podem não ser notados por outra. A cultura afeta a percepção. No entanto, certos objetos, quer naturais ou feitos pelo homem, persistem como lugares através da eternidade do tempo, sobrevivendo ao apoio de determinadas culturas. Talvez qualquer grande aspecto na paisagem crie seu próprio mundo, o qual pode aumentar ou diminuir segundo o interesse momentâneo das pessoas, sem perder inteiramente sua identidade. (TUAN, 1983, p. 182)

Encontramos em *Cante lá que eu canto cá* um sertanejo em profunda sintonia com o seu pedaço de chão, com uma capacidade enorme de exaltar essa terra, possuidor de uma grande compaixão pelos seus familiares e vizinhos e capaz de se indignar com a situação provocada pelos patrões e políticos. Com os pés fincados no “cá”, em seu lugar, “um mundo de significado organizado” (TUAN, 1983, p. 202) e distante do mundo modernizado que existe na cidade, o sertanejo é feliz, pois ligado a terra, usufruindo do que ela pode oferecer e encontrando nela o fortalecimento dos seus valores, consegue superar as dificuldades existentes no cotidiano.

Entre a grande celebração em “A festa da natureza” e a “Triste partida”, encontraremos um sertanejo celebrando, em festa, o Nordeste verde, demonstrando um grande sentimento de pertencer a essa região, em grande intimidade com um ser supremo, numa constante espera pela chuva, vendo desaparecer a plantação, chorando a perda de parentes e, por fim, forçado a deixar sua região.

É importante ressaltar que o sertanejo encontra-se fincado nessa terra e estando no “cá” do seu nascimento, da sua infância, berço das suas raízes culturais e da sua religiosidade, ele vai nos situando nesse cenário. Por meio dessa análise, é possível afirmar que, natureza e cultura sertanejas estão interligadas. Encontraremos em um mesmo lugar uma diversidade de valores que formam esse homem rural, mostrando o quão grande pode ser a vida interiorana.

2.1 Verdume no Sertão, natureza em festa

Patativa nos presenteará com uma poesia que poderia muito bem ser definida como campesina, rural, pois nela natureza e ser humano se fundem, e, apesar de

situações adversas no período da seca, ela é o acalanto da alma, dela emana suas raízes culturais, sua história. Carvalho (2011, p. 54) assevera que: “Patativa tem a consciência de que essa divisão é arbitrária, de que homem e natureza se integram, de que natureza e cultura são apenas angulações de uma mesma dimensão do real.” Apresentando essa relação entre o homem e o meio em que vive, Patativa traz o sertão para dentro de si e, revestido de tudo o que é belo nessa terra, ele permite que o seu ambiente se torne do outro. Ainda sobre isso, Carvalho reforça: “A natureza em Patativa é espaço, tempo e matéria. A Serra de Santana é seu microcosmos. É lá que ele se sente inteiro. É lá que ele interage com as forças telúricas, que o atemorizam e o apaziguam, o que faz que tenha consciência de sua pequenez e de sua grandeza.” (CARVALHO, 2011, p. 60).

A poesia de Patativa é imbuída de oralidade, apresentada por uma voz matuta que destacará de forma clara e consciente a vida de uma comunidade inserida dentro do universo interiorano. No que se refere à voz poética, Zumthor (1993, p. 139) afirma:

A voz poética assume a função coesiva e estabilizante sem a qual o grupo social não poderia sobreviver. Paradoxo: graças ao vagar de seus intérpretes – no espaço, no tempo, na consciência de si –, a voz poética está presente em toda a parte, conhecida de cada um, integrada nos discursos comuns, e é para eles referência permanente e segura.

Na poética patativana, o sertão é visto como um lugar de intimidade entre o sertanejo e sua terra. Um sertanejo que festeja o verdume da paisagem, que aprecia as manifestações culturais e vive uma grande religiosidade, mas que, ao mesmo tempo, sofre com as dificuldades que enfrenta, tais como: pobreza, analfabetismo e a dura realidade do trabalho pesado. No decorrer do livro *Cante lá que eu canto cá*, Patativa apresentará um sertanejo portador de uma grande consciência coletiva, pois, “ser de um lugar, não expressa vínculo de propriedade, mas uma rede de relações” (PENNA, 1998, p. 73). Por meio do olhar do poeta de Assaré, será possível acompanhar o cotidiano do homem campesino em profunda integração com a natureza. Um sertanejo que extrai dela muito mais que subsistência. Ela é o seu lar, e “o lar é um lugar íntimo” (TUAN, 1983, p. 160).

Para o sertanejo, sua terra é um lugar de vida, possui personalidade e é portadora de emoções, pois nela pôde usufruir do afeto dos pais, constituir família, chorar devido a partidas, se emocionar com chegadas, partilhar momentos festivos, etc. Nesse lugar, muitas experiências foram sendo vivenciadas, por isso deixa de ser

uma simples localidade, passando a ser considerado de grande valor. Ainda sobre isso, Tuan (1983, p. 160) afirma que: “O afeto que o ser humano possui por seu ambiente, nada mais é do que o resultado de experiências íntimas e aconchegantes vividas nele.”

Os versos de Patativa do Assaré possuem encanto, e este é revelado pela forma como retrata uma gente inserida em um contexto social desfavorável. Falando dessas dores e sofrimentos, o sertanejo assumirá uma postura crítica e um certo ar de denúncia, ainda que não tenha êxito, que não consiga modificar a realidade. O sertão de Patativa é o lugar onde o povo luta e acredita em dias melhores: “Patativa como o olhar de dentro para dentro. Que não perde, no entanto, a riqueza e a diversidade das referências de fora, porque antenado com o mundo e intérprete de um sentimento coletivo” (CARVALHO 2011, p. 101).

Um exímio defensor do sertão, Patativa chama a atenção para esse espaço, privilegiando o universo de uma gente desfavorecida economicamente, destacando sua religiosidade, refletindo sobre sua cultura e também dando ênfase para a diferença existente entre o ambiente rural e a cidade, reforçando que cada um possui suas qualidades:

Sertão é lugar sempre igual, sem heroísmo evidente, contraponto da cidade, antagonismo insuperável de quem desafia: *poeta, cantô da rua/ que na cidade nasceu/ cante a cidade que é sua/ que eu canto o sertão que é meu.* Delimitação de espaços, demarcação de territórios que não se confundem e que lhe teria dado um mundo cheio de rima e de onde *pra toda parte que eu oio / vejo um verso se buli* (CARVALHO, 2011, p. 105 – grifos do autor)

Sendo e reconhecendo-se como nordestino, é muito comum na poética de Patativa o sujeito que se afirma como tal: “Eu sou brasileiro/ fio do Nordeste, / sou cabra da peste, / sou do Ceará” (ASSARÉ, 2012, p. 322)¹. Pertencente a essa terra situada no sertão nordestino, é comum que suas experiências de vida estejam presentes nos relatos, pois de certa forma são determinantes nos laços afetivos e culturais. Durval Muniz de Albuquerque Júnior nos diz que: “O termo Nordeste aparece para nomear os habitantes de uma área inicialmente compreendida entre os estados de Alagoas e Ceará, sendo às vezes aplicado para nomear também os habitantes do Piauí e Maranhão, com menor frequência” (ALBUQUERQUE JR, 1999, p. 137). O autor apresenta quão limitado era esse conceito, reforçando que mais tarde

¹ Cf. “Sou cabra da peste”.

surgiria uma denominação mais ampla, sendo possível identificar outras possibilidades e imagens que vão caracterizar esse povo.

O Nordeste, assim como as demais regiões do país, é fruto de muitos acontecimentos que o definem e o caracterizam como tal, sendo definido na maioria das vezes como um espaço de sofrimento. Ao nos permitirmos transitar por um mesmo ambiente, mas que apresenta grande diversidade geográfica e cultural, é possível identificar o quanto uma mesma terra pode ser una e plural. O Nordeste não é um lugar em que reina a morte; ao contrário, a vida está presente na natureza, na força de vontade de um povo que respira e age com esperança. Possuidor de diversas imagens, passando por questões econômicas, geográficas e culturais, o cenário nordestino se constitui como um espaço dinâmico, que vai desde o ambiente seco e sem vida à força e determinação de um povo, ou seja, essa temática nos permite várias possibilidades de estudo.

Sendo o Nordeste este espaço diversificado, é muito comum encontrar definições que o apresentam pelo aspecto negativo. Encontramos em grande parte da poética de Patativa do Assaré, como numa tentativa de combater essa visão negativa, descrições de um ambiente onde é possível partilhar momentos de alegria, um lugar que presenteia seu povo com riqueza e belezas naturais, ou seja, um Nordeste vivo e propício à vida. Vale lembrar que o fato de sua poética nos trazer a imagem de um Nordeste vivificado não nega a existência de uma região de sofrimento. O que o poeta faz é transformar tal característica em luta, apresentando o sertanejo como alguém batalhador, companheiro, dedicado à família, ou seja, exalta um povo que já é bastante estigmatizado por visões externas.

Ainda sobre a referida temática, Albuquerque Júnior (1999, p. 24) fala da inexistência de uma verdade sobre a realidade nordestina. Sabe-se que as informações que se têm surgem como imagens criadas e, nelas, há predominância de vários “nordestes”. Portanto, o que temos são representações que vão surgindo em um determinado tempo e de várias maneiras.

Em vários estudos feitos sobre Patativa, inclusive na sua descrição biográfica, é ressaltado o fato de ele ter “pé fincado” em sua região e de, mesmo distante dela, conseguir relatar acontecimentos que envolvem a lida diária, o sofrimento por ter que conviver com a fome e com a seca, e até as questões relativas ao estilo de vida, como se as estivesse vivenciando naquele momento, ora como uma espécie de alento, de

um lugar abençoado, ora como relatos de sofrimento e desigualdade social. Em certos momentos, ao falar do sertão nordestino, o sertanejo de Patativa relata um acontecimento passado bem presente na sua memória, seja a lembrança da casa, de alguém da família: “Outras vezes, eu penso estar ouvindo,/ Atraente, suave e encantador,/ Teu cantar sonoro, terno e lindo/ Entoando a canção do nosso amor” (ASSARÉ, 2012, p. 249)².

Ao longo de suas produções, Patativa afirma-se e reafirma-se parte integrante do sertão nordestino, fala com liberdade e autonomia sobre um Nordeste cheio de cores da natureza, ao mesmo tempo que relata as dificuldades de um povo que convive com a seca e, conseqüentemente, com a fome. O Nordeste de Patativa é formado por realidades distintas, apresentado por quem vive dentro dele e sabe que é composto por uma grande diversidade. Na representação das belezas naturais ou expondo a realidade sofrida do povo de sua região, o poeta de Assaré apresenta de forma espontânea e intensa os elementos que compõem esse lugar.

Em “A festa da natureza”, nos deparamos com um Nordeste verde, florido, de alegrias, abençoado pelo criador, que se manifesta em todas as formas de vida que são presentes na natureza:

Chegando o tempo de inverno,
Tudo é amoroso e terno,
Sentindo do Pai Eterno
Sua bondade sem fim.
O nosso sertão amado,
Esturricado e pelado,
Fica logo transformado
No mais bonito jardim.

Neste quadro de beleza
A gente vê com certeza
Que a musgada natureza
Tem riqueza de incantá.
Do campo até na floresta
As ave se manifesta
Compondo a sagrada orquestra
Desta festa naturá.

Tudo é paz, tudo é carinho,
Na construção de seus ninho,
Canta alegre os passarinho
As mais sonora canção.
E o camponês prazentêro
Vai prantá feijão ligêro,
Pois é o que vinga premêro
Nas terras do meu sertão. (ASSARÉ, 2012, p. 79)

² Cf. “O casebre”.

Logo no início do poema, fica perceptível que o cenário apresentado encontra-se vivo devido a um tempo de chuvas. É um Nordeste que se encontra no inverno; sendo, portanto, de belezas naturais, que perde a característica da seca, não sendo mais esturricado pela queimadura. Torna-se um lugar abençoado pela chuva e que retribui com um cenário em que animais grandes e pequenos festejam como se estivessem num jardim. O poema segue:

Depois que o podê celeste
Manda chuva no nordeste,
De verde a terra se veste
E corre água em brobutão
A mata com ser verdume
E as fulô com seu perfume,
Se enfeita de vaga-lume
Nas noites de escuridão.

Nesta festa alegre e boa
Canta o sapo na lagoa,
No espaço o truvão reboa
Mostrando o seu rôco som.
Vai tudo se convertendo,
Constantemente chovendo
E o povo alegre dizendo:
Deus é poderoso e bom!

Com a força da água nova
O peixe e o sapo desova,
E o camaleão renova
A verde e bonita cô;
A grama no campo cresce,
A pernuda aranha tece,
Tudo com gosto obedece
As orde do Criadô. (ASSARÉ, 2012, p. 79)

Na construção poética de “A festa da natureza” fica claro que a vida do sertanejo não se resume à luta diária com a seca. A natureza muda, e, conseqüentemente, modifica-se também a vida ao seu redor. A terra é agraciada com a chuva. A natureza encontra-se em festa, festeja a bonança que chega com ela. Revestido de alegria, o homem reconhece que cada manifestação da natureza, desde o perfume da flor à mudança de cor do camaleão e à grama crescendo, é possível devido à existência de um ser superior, um ser que transforma o ambiente em “festa alegre e boa”. O cenário em grande mudança é a certeza da existência do “Criadô”.

A vida do sertanejo sofre mudanças de acordo com as modificações do tempo, da natureza. Inserido nesse ambiente ora seco, ora festivo pela chegada da chuva, o sertanejo é o reflexo desse lugar, fruto de muitas histórias vivenciadas:

O lugar atinge a realidade concreta quando nossa experiência com ele é total, isto é, através de todos os sentidos, como também com a mente ativa e reflexiva. Quando residimos por muito tempo em determinado lugar, podemos conhecê-lo intimamente. (TUAN, 1983, p. 21)

O sertanejo fala com propriedade desse espaço, pois possui raízes fincadas nele, o que o torna, segundo Tuan: (1983, p. 10) “lugar”. O ambiente da seca e da privação de alimentos cede lugar ao verde, aos encantos que a natureza pode oferecer. A água que vem do alto e corre pela terra, chega como sinal de esperança e enche de alegria a vida sertaneja, garante os alimentos e ainda permite que a vida seja festejada por meio dos momentos de integração e de lazer. As aglomerações ao ar livre garantem a fusão de histórias, desaparecem as diferenças e um sentimento de orgulho é presente na voz do sertanejo que fala das maravilhas que se escondem no recanto de “O paraíso do Crato”. O sertão pode e precisa ser visto como lugar de gente feliz:

Quem andá no Cariri
Precisa andá no Granjêro,
O ponto mió que vi
No nordeste brasileiro.
É bem pertinho do Crato,
Um lugá cheio de ornato
Que agrada a quarqué freguês.
As beleza naturá
E ôtras artificiá
Que os home do Crato fez.

Tem uma rica nascença
Jorrando no pé da serra
Com uma fartura imensa
Que vem de dentro da terra.
Naquela fonte sonora,
Nos domingo a toda hora
As muié e os home fica
Cada quá mais animado
Com seus trajo apropriado
Tomando banho de bica. (ASSARÉ, 2012, p. 72)

O ambiente apresentado é muito acolhedor, sendo considerado como o melhor lugar para integração. Quem apresenta esse “lugá cheio de ornato” faz uma espécie de convite, visando a uma ressignificação, pois ali tem algo bonito, desde as riquezas oferecidas pela natureza a outras construídas pelo homem. Continua o poema:

Tem um crube organizado
Que é uma coisa bacana;
O Granjêro é frequentado
Em todo fim de semana

Na mais perfeita união,
Ninguém trata da questão,
De briga, nem de arruaça,
Ali não reina o capeta,
Os guarda da barbuleta
Não dá entrada à cachaça.

Muntos brinca na picina
Nadando todo contente
Entre as águas cristalina,
Cristalina e reluzente.
Aquele belo recanto
É todo cheio de encanto;
Faz gosto andá por ali
Pra vê bonito Granjêro
O quadro mais feiticêro
Das terras do Cariri. (ASSARÉ, 2012, p. 72)

Ainda, no poema, podemos ver que o sertanejo insiste em afirmar que o Nordeste brasileiro pode ser acolhedor, oferece momentos em que é perceptível a unidade de todos. Esse sertanejo garante que o espaço, dividido entre belezas naturais e artificiais, se constitui em encanto, sendo uma ótima opção de diversão. A apresentação do lugar é uma forma de dizer: existe algo bom e belo no sertão.

A natureza torna mágica a vida no sertão. Mesmo enfrentando dificuldades, o sertanejo sente-se privilegiado por viver nesta terra:

Aqui, do mundo afastado,
Acostumei-me a viver,
Já nasci predestinado,
Sabendo amar e sofrer.
Neste meu sertão bravio,
Nas belas tardes de estio,
Da chapada ao tabuleiro,
Eu louvo, adoro e bendigo
O ladrar do cão amigo
E o aboiar do vaqueiro.

Se a clara noite aparece,
Temos a mesma beleza.
Tudo é riso, paz e prece,
E a festa da natureza
Seu compasso continua.
A noturna mãe-de-lua
Solta o seu canto agoureiro,
Sua funérea risada,
Vendo a filha imaculada
Brilhando o sertão inteiro. (ASSARÉ, 2012, p. 233)

Embora a vida seja áspera, o homem simples, “predestinado a sofrer” sabe que amar também faz parte do seu destino. Assim, vive num sertão de muita

diversidade natural, onde o dia pode ser de luta e trabalho, mas a noite os afagará com uma grande claridade e, com ela, “tudo é riso, paz e prece”.

A poética de Patativa apresenta o sertanejo revestido de uma profunda religiosidade. Por meio da crença no “Criadô”, viverá grandes momentos que sem Ele, inexisteriam. Estando em sua terra e sendo agraciado com coisas boas, o sertão torna-se vivo e a natureza propicia essa grande festa:

Os cordão de barbuleta
Amarela, branca e preta
Vão fazendo pirueta
Com medo do bem-ti-vi,
E entre a mata verdejante,
Com o seu papé istravagante
O gavião assartante
Vai atrás do juriti.

Nesta harmonia comum,
No mais alegre zumzum,
As lição de cada um,
Todos já sabem de có,
Vai a lesma repelente
Vagarosa, paciente
Preguiçosa, lentamente
Levando o seu caracó.

A famosa vaca muge
Comendo a nova babuge
Vale a pena o ruge-ruge
Da sagrada criação.
Neste bonito triato
Todo cheio de aparato,
Cada bichinho do mato
Faz a sua obrigação. (ASSARÉ, 2012, p. 79)

O sertanejo vê a chegada do inverno como a verdadeira manifestação do poder do Criador. O tempo mudou, a natureza retribui. Nessa “harmonia comum”, é possível perceber que os animais estão felizes, pois cada um à sua maneira manifesta a alegria pelo momento vivenciado. Nesse destaque ao reino animal, o sertanejo mais uma vez reconhece que tudo isso faz parte “Da sagrada criação”, ou seja, de algo que o transcende e transforma o sertão esturricado em algo vivo:

A divina majestade,
Com esta realidade,
Nos mostra a prova e a verdade
Do soberano podê.
Nesta Bliba naturá
Que faz tudo admirá,
Quarquê um pode estudá
Sem conhecê o ABC. (ASSARÉ, 2012, p. 79)

Viver no Nordeste chuvoso é sentir-se dentro de uma terra prometida, de uma espécie de oásis. Nele, não existem diferenças. Todos sabem falar dele, pois partilham o mesmo sentimento: gratidão. Movido por este sentimento, o homem simples reconhece sua pequenez, suas limitações, inclusive no que se refere ao fato de não conseguir realizar uma leitura, mas até nisso “a divina majestade” mostra seu “podê”, pois deixa o ambiente assim: um paraíso bíblico que pode ser lido e reconhecido até mesmo por quem não conhece o “ABC”.

No universo sertanejo, a religião e o sagrado estão inseridos. Estando na maioria das vezes envolto pelo sofrimento, o homem rural tem uma necessidade constante de explicar os acontecimentos bons. Para ele, é das mãos de um ser que habita o céu, que vem a colheita produtiva, a árvore frutífera, ou seja, o ser supremo modifica a natureza, outrora morta, e manda que se torne abundante.

Sendo o sertão esse chão abençoado, ele se revela um lugar que tem muito a apresentar. As belezas naturais que o compõem devem sempre evocar um ato celebrativo, pois são carregadas de mistérios que merecem ser apresentados. É perceptível uma forte intimidade entre o sertanejo e o “seu sertão”. Esse canto de exaltação às belezas naturais, por mais que já tenha sido cantado, sempre tem algo novo que lhe merece ser acrescentado. Em “Eu e o sertão”, a simplicidade da aurora e a manifestação de qualquer forma de vida são motivo de orgulho para quem é natural dessa terra:

Sertão, arguém te cantô.
Eu sempre tenho cantado
E ainda cantando tô,
Pruquê, meu torrão amado,
Munto te prezo, te quero
E vejo qui os teus mistero
Ninguém sabe decifrá.
A tua beleza é tanta,
Qui o poeta canta, canta,
E inda fica o que cantá.

No rompê de tua orora,
Meu sertão do Ciará,
Quando escuto as voz sonora
Do sodoso sabiá,
Do canaro e do campina,
Sinto das graça divina
O seu imenso pudê,
E com munta razão vejo,
Que a gente ser sertanejo
É um dos maió prazê. (ASSARÉ, 2012, p. 21)

Repleto de beleza e graça, o sertão amanhece, e mais uma vez é reconhecida a presença de um ser divino. As manifestações do poder do criador, refletidas no sertão, dão ao homem simples, o orgulho de ser sertanejo:

Sertão, minha terra amada,
De bom e sadio clima,
Que me deu de mão beijada
Um mundo cheio de rima.
O teu só é tão ardente,
Que treme a vista da gente
Nas parede de reboco,
Mas tem milagre e virtude,
Que dá corage, saúde
E alegria aos teus caboco.

Acho mesmo que ninguém
Sabe direito cantá
Tanta beleza que tem
Tuas noite de luá,
Quando a lua sertaneja
Toda amorosa despeja
Um grande banho de prata
Pro riba da terra intêra
E a brisa assopra manêra,
Fazendo cosca na mata. (ASSARÉ, 2012, p. 22)

O sertanejo vive dessa profunda relação de amor e intimidade com o sertão. Ele sabe das maravilhas dessa região e também o quanto ela pode ser castigadora, pois o sol que clareia é o mesmo que resseca a terra. Mas, convivendo com essa realidade, o sertanejo aprende a ser a forte e corajoso.

Um sertanejo envaidecido fala com propriedade que ninguém sabe “cantá” direito tanta beleza que seu torrão oferece. “A lua sertaneja”, de forma amorosa, deixa ainda mais perfeito o lugar. Toda a natureza em grande sintonia, torna única a vida no sertão. O sentimento que fica perceptível é o da gratidão, pois, apesar de a vida sofrer com as mudanças ocasionadas pela falta de chuva, nesse momento o pobre camponês é um privilegiado por nascer e viver no sertão.

O sertanejo de Patativa sabe da real situação do ambiente em que vive, ou seja, é consciente de que uma simples mudança que ocorre na natureza pode modificar o cenário. Ele sabe das causas do sofrimento e também a solução para o seu fim, sendo uma dessas soluções o apego à existência de uma divindade que fez todas as coisas e que é capaz de ser vista em tudo de bom que acontece em “sua serra”.

Em “Minha Serra”, o sertanejo vivencia um momento de bênçãos. Quem fala

é alguém encantado pelo lugar. Desde o amanhecer, a terra já se encontra em festa, e a prova disso é o canto dos pássaros, bem como os outros animais emitindo seu costumeiro som, dando saudação a uma natureza que, antes de tudo, é santa:

Quando o sol ao Nascente se levanta,
Espelhando os seus raios sobre a terra,
Entre a mata gentil da minha Serra,
Em cada galho um passarinho canta.

Que bela festa! que alegria tanta!
E que poesia o verde campo encerra!
O novilho gaita, a cabra berra,
Tudo saudando a natureza santa. (ASSARÉ, 2012, p. 248)

A terra é apresentada como parte de algo sagrado. O sertão é presenteado com uma orquestra celeste. O sertanejo encontra-se em estado de graça dentro desse universo. A bondade de um “Deus dos pobres” modifica a vida no sertão, e, deixando em festa, a esperança é renovada. A choça, nesse momento, não representa sua condição de miserável. Ela lhe é favorável, pois permite a passagem da suave brisa, despertando no caipira (um caipira feliz, é importante destacar) o poder de representar em verso, mesmo que de forma inculta, a beleza que acontece na serra:

Ante o concerto desta orquestra infinda
Que o Deus dos pobres ao serrano brinda,
Acompanhada da suave aragem.

Beijando a choça do feliz caipira,
Sinto brotar da minha rude lira
O tosco verso do cantor selvagem (ASSARÉ, 2012, p. 248)

Repleto de uma devoção às coisas quem “vêm do alto” e contemplador das maravilhas de tudo que é divino, o homem do sertão, vive constantemente tentando compreender o sofrimento que acomete o pobre, principalmente o pobre de sua região. Nesse grande apego ao sagrado, vai adquirindo um certo poder para interpretar os acontecimentos.

No sertão de belezas naturais, existe gente que passa por grandes sofrimentos, sendo essa uma condição do ser humano. O conforto é encontrado no universo divino, pois até aquele que veio ao mundo sofreu com a “Ingratidão” de muitos:

Meu Jesus Reis dos Judeus
Saibo, Divino e profundo
Que padeceu e que morreu
Pra miorá este mundo,
Que pregou na Palestina

A pura e santa doutrina
De paz, amô e ingualdade
E deu na sua insistença
Um inzempro de cremensa
Para toda humanidade. (ASSARÉ, 2012, p. 190)

O sertanejo fala com uma certa autoridade que lhe foi concedida pelas pessoas da comunidade em que está inserido e nas pelejas da vida vai tomando consciência da importância de deixar a voz ecoar. Sabe que tem uma missão que deve ser seguida, que sua verdade (dita por Deus) deve ser apresentada na e por meio da palavra, pois não tem domínio da escrita:

Que do seu grande podê
Querendo uma prova dá,
Fez alejado corrê
Fez morto ressucitá.
Foi preso, foi amarrado
E pelo chão arrastado,
Meu Divino e bom Jesus,
E deu ainda perdão
Para a corja de ladrão
Que lhe cravaro na cruz.

Isto tudo o Senhô fez
Para o mundo consertá,
Sendo poderoso Reis,
Quis a todos se umiá.
Mas a farsa humanidade
Não quis sabê das verdade
Dos insinamento seu,
No nosso mundo de ingano
São bem pôco os pubricano
Quage tudo é fariseu.

Meu Divino e Bom Juiz,
Veve na face da terra
Os pais cronta os pais
Na mais sanguinara guerra.
É o maió ispaiafato;
Não tão seguindo os ingrato
As lição que o Senhô deu.
Cheio de inveja e imbição
Tão seguindo é a lição
Do juda que lhe vendeu.

Os home sem piedade
Não qué paz, nem qué amô.
Não pratica a caridade
Que o Senhô tanto pregou.
Somente nas istrução
Na ciência e na invenção
Tem desinvorvido bem;
Já entraro inté na lua,
Mas a natureza é crua,
Não tem pena de ninguém. (ASSARÉ, 2012, p. 190)

Quem fala se reconhece na condição de oprimido. Dentro de sua simplicidade, o sertanejo tem a oportunidade de conversar com “Jesus Rei”, que de certa forma representa sua história de vida, pois Ele também provou o amargo do sofrimento. Nesse jogo de palavras que se misturam, algumas demonstrando profundo conhecimento bíblico, unida a outras que deixam vaziar toda a indignação pela existência do mundo doente de tudo aquilo que afasta o homem da imagem do criador, a voz poética usa as palavras do ontem, para reafirmar que estão bem vivas hoje, em um mundo que alcançou a modernidade, mas não aprendeu as lições de respeito e valorização do outro.

O sertanejo tem consciência dos seus valores. É na ganância humana, segundo ele, que estaria a origem da condição de oprimido a que foi imposto. Sua identificação com a história de Jesus é que oferece condições para que consiga viver no meio de tanta desigualdade.

O sertanejo de Patativa do Assaré, embora passe privações e tenha um cotidiano carregado de sofrimento, não se apresenta durante todo o tempo como um sujeito derrotado. Ele sabe que é vítima de uma realidade desfavorável, mas seu discurso é firme, partindo em defesa do seu “torrão natal”, expondo o poder da história de um povo que convive com a fome, mas possui uma religiosidade expressiva, ou seja, mesmo convivendo com a morte, sabe reconhecer e apreciar as belezas que a natureza oferece, pois são uma prova concreta da existência de um ser maior, Aquele que virá e mudará a vida de todos os sofredores.

As histórias e relações existentes colaboram com as diversas situações e sentimentos que são apresentados. Esse universo apresentado a partir de um ponto de vista nos possibilita compreender que no sertão nordestino, assim como nas demais localidades, vivem pessoas que apreciam e relatam as belezas locais e também convivem com as dificuldades que surgem no cotidiano.

O sertão belo e verde desaparece em algum momento, e o sertanejo sabe que não terá condições de sobreviver. O ambiente vivo, agora é seco, deixando claro que um mesmo sertão pode ser alento e sofrimento. Perdendo essa configuração de verde e produtivo, o sertanejo perde a capacidade de sobreviver, pois uma natureza morta não será capaz de oferecer vida e ele será obrigado a migrar, normalmente para as terras do Sul, na esperança de modificar a realidade, porém terá que conviver com situações adversas.

2.2 Entre a seca e a desigualdade social: Os “ Dois quadros” do sertão

O sertão apresentado por Patativa reforça a grandeza de um povo e do espaço em que vive. Em Patativa, encontramos um sertão belo e convidativo, mas o contrário também é verdadeiro. Ao propor esses dois lados de um mesmo lugar, o poeta o faz em forma de denúncia, mostrando situações de opressão acometidas pelo patrão ou pelo político.

Um sertanejo, do qual não sabemos o nome, fala de forma clara e coerente, demonstrando o forte vínculo com sua terra. Nessa relação entre ele e o sertão, fica nítida, muito mais que uma simples apresentação do lugar, uma forma de chamar atenção para a dureza da vida no campo. Vejamos o poema “O retrato do sertão”:

Desta gente eu vivo perto,
Sou sertanejo da gema.
O sertão é o livro aberto
Onde lemos o poema
Da mais rica inspiração
Vivo dentro do sertão
E o sertão dentro de mim
Adora as suas belezas
Que valem mais que as riquezas
Dos reinados de Aladim.

Porém, se ele é um portento
De riso, graça e primor,
Tem também seu sofrimento,
Sua mágoa e sua dor.
Esta gleba hospitaleira,
Onde a fada feiticeira
Depositou seu condão,
É também um grande abismo
Do triste analfabetismo,
Por falta de proteção. (ASSARÉ, 2012, p. 233)

Nos trechos acima, temos um sertanejo que se reconhece como o próprio sertão, sendo impossível separar um do outro, e esse ambiente é para ele como um livro aberto, de onde brota grande inspiração. Nessa descrição do sertão, a natureza seria uma fonte, e dela jorram as verdadeiras riquezas que são valiosas para um homem. Ao dizer que são mais valiosas que as do reino de Aladim, o sertanejo expõe uma grande conexão com sua terra, atribuindo valores, muito além da questão econômica. Tuan (1974, p. 68) nos lembra que “para compreender a preferência

ambiental de uma pessoa, necessitaríamos examinar sua herança biológica, criação, educação e os arredores físicos.”.

Ao reconhecer-se como um ser fincado na terra, inseparável desta, o sertanejo, grande apaixonado pelas belezas/riquezas naturais que se manifestam diariamente, não é necessariamente um homem alienado. Ele sabe que, no meio de tal obra-prima, brota também o sofrimento, traçando essa relação existente entre bem e mal na partilha de um mesmo ambiente. O sertão é pintado com as cores da natureza e com fragmentos das mazelas sociais, colocando em primeiro plano um grupo afetado, dentre outras coisas, pelo analfabetismo. Patativa do Assaré nos situa dentro de um espaço em que natureza e realidade camponesa são indissociáveis. Ambas representam a verdadeira realidade do sertão.

Alegria e sofrimento estão presentes na vida do sertanejo. Se a chuva traz à mostra toda forma de vida, com a ausência dela ocorre o contrário. O que causa o sofrimento não é necessariamente o desencanto com o sertão e, sim, a incapacidade humana de modificar essa terra que possui “Dois quadros”, oscilando entre vida e morte, com a mesma intensidade:

Na seca inclemente do nosso Nordeste,
O sol é mais quente o céu mais azul
E o povo se achando sem pão e sem veste,
Viaja à procura das terras do Sul.

De nuvem no espaço, não há um farrapo
Se acaba a esperança da gente roceira,
Na mesma lagoa da festa do sapo,
Agita-se o vento levando a poeira.

A grama no campo não nasce, não cresce:
Outrora este campo tão verde e tão rico,
Agora é tão quente que até nos parece
Um forno queimando madeira de angico.

Na copa redonda de algum juazeiro
A aguda cigarra seu canto desata
E a linda araponga que chama Ferreiro,
Martela o seu ferro por dentro da mata.

O dia desponta mostrando-se ingrato,
Um manto de cinza por cima da serra
E o sol no Nordeste nos mostra retrato
De um bolo de sangue nascendo da terra. (ASSARÉ, 2012, p. 55)

Nordeste ardente, sertanejo padecendo. Perdendo a esperança, característica marcante desse povo, o sertanejo que já se encontra sem pão e sem veste, não consegue mais ficar ali. A terra passa por uma verdadeira oscilação: se

verde e produtiva, ela é amada e exaltada; quando seca, continua sendo amada, mas, por não possuir vigor, impossibilita a existência e permanência de qualquer forma de vida nela.

Como profundo conhecedor do chão sertanejo, “um sertão que muda, e, portanto, se move” (CARVALHO, 2007, p. 16), quem fala nesse momento tem consciência das mudanças que ocorrem. Nessa variação entre o verde (apto para se viver) e seco (conduz à migração), o caboclo roceiro tem a vida modificada. Como parte integrante desse cenário que apresenta o aspecto positivo e negativo, o sertanejo tem um cotidiano, na sua grande maioria, sufocante, e ele precisa ser batalhador para garantir o alimento. Após ter buscado, de todas as formas, permanecer nessa terra, nesse chão, sem encontrar êxito, ele vai procurar outro ambiente. O sertão que tanto ama sofre modificações, e o sertanejo apaixonado segue como migrante, uma figura que, como tantas outras, não poderá conduzir a própria história. Sobre essa realidade, Carvalho nos diz: “Sertão que vira mar, mar que vira sertão, outra vez o mundo às avessas ou o fluxo e refluxo das migrações das forças da natureza, empurrando os homens como figurantes e não protagonistas de um enredo Severino.” (CARVALHO, 2007, p. 17).

A seca torna impossível a vida do sertanejo. Primeiramente, ele vê morrer a plantação, e depois vai perdendo os que mais ama. Em “A morte de Nanã”, temos o relato de um sertanejo que afirma ter a “arma dilurida” pela perda de sua filha, “um anjo incantado”:

Todo dia, todo dia,
Quando eu vortava da roça,
Na mais completa alegria,
Dento da minha paioça
Minha Nanã eu achava.
Por isso, eu não invejava
Riqueza nem posição
Dos grandes deste país,
Pois eu era o mais feliz
De todos fio de Adão.

Mas, neste mundo de Cristo,
Pobre não pode gozá.
Eu, quando me lembro disto,
Dá vontade de chorá.
Quando há sêca no sertão,
Ao pobre farta feijão,
Farinha, mio e arrôis.
Foi isso que aconteceu:
A minha fia morreu,
Na seca de trinta e dois. (ASSARÉ, 2012, p. 38)

A filha era a maior de todas as riquezas, o afago depois de um dia de muito labor. Chegando a seca de 32 e não havendo o mínimo com que a família se alimentar, Nanã morreu:

Vendo que não tinha inverno,
O meu patrão, um tirano,
Sem temê Deus nem o inferno,
Me deixou no desengano,
Sem nada mais me arranjar.
Teve que se alimentá
Minha querida Nanã,
No mais penoso matrato,
Comendo caça do mato
E goma de mucunã. (ASSARÉ, 2012, p. 38)

A seca de 32 deixou muitas famílias destruídas. O cenário era de sofrimento e morte. “Era, realmente, um quadro triste!” (SANTANA, 1985, p. 175 *apud* OLIVEIRA BRANDÃO, 2009, p. 13). Além de lutar contra a seca, o pobre camponês ainda suportava a indiferença do patrão, mostrando, assim, que além da fome, a desigualdade social também contribuiu com a morte de quem ele “mais amou na vida”.

Sofrendo com a exclusão e indiferença dos poderosos, o sertanejo sabe que algumas situações poderiam ser evitadas. A maldade humana cria divisões, tem um poder devastador, podendo ser até mais destruidora que a ausência de chuva no sertão.

É perceptível também na poesia de Patativa do Assaré uma apresentação crítica da realidade nordestina, destacando as questões existentes no que se refere às desigualdades sociais e econômicas.

A poética de Patativa não omite o lado sofrido do povo nordestino, que convive com a seca, misérias e tantas outras adversidades. Temos no “ABC do Nordeste Flagelado” um sertanejo relatando com clareza um sertão de gente pobre, trabalhadora e sofredora. Com grande criticidade, a triste realidade é exposta:

Ai, como é duro viver
nos Estados do nordeste
quando o nosso Pai Celeste
não manda a nuvem chover.
É bem triste a gente ver
findar o mês de janeiro
depois findar fevereiro
e março também passar,
sem o inverno começar
no Nordeste brasileiro.

Lamento desconsolado
o coitado camponês
porque tanto esforço fez,
mas não lucrou no seu roçado.

Num banco velho, sentado,
Olhando o filho inocente
e a mulher bem paciente,
cozinha lá no fogão
o derradeiro feijão
que ele guardou pra semente. (ASSARÉ, 2012, p. 308)

Por meio dos relatos da realidade em que se encontra, o sertanejo reafirma a existência de um mundo onde há desigualdade. Ele clama pelo direito de viver em um lugar que possui fartura. O sertanejo tem se revelado como um ser capaz de enfrentar as dificuldades diárias, denunciar as injustiças e reverenciar o Deus do Universo, pois é Dele que vem a certeza de que o mundo foi criado para todos. Por isso, não é correto que somente alguns usufruam desse bem.

Carregando feridas sociais em sua história, marcas que o caracterizam como oprimido, o sertanejo torna-se uma figura fácil de ser identificada. Em sua grande maioria, é visto como “predestinado a sofrer”. É importante frisar que, ao partir para um outro ambiente, o sertanejo não abandona suas raízes e sua identidade, o que torna difícil a vida em uma nova localidade, sendo obrigado, em alguns momentos, a partir em defesa da sua cultura. Para Penna (1998, p. 68), “Lutar pela identidade enquanto reconhecimento social da diferença significa lutar para manter visível a especificidade do grupo – melhor dizendo, aquela que o grupo toma para si”.

Com a terra rachada, não há como a vida se manter. Estando o Nordeste em flagelo devido à seca, vendo ser colocado na panela o que deveria ser lançado como semente na terra, o homem sabe que não tem mais como permanecer no seu chão.

Albuquerque Jr (1994, p. 75) cita:

São essas imagens que impregnam o próprio Nordeste em construção, Nordeste das “áreas sedentas e implacáveis, onde o amor violento do sol trazia o vasto campo fendido e cortado em pedaços sem um fio de verde; por toda parte a secura e com ela a morte. Nem uma gota d’água para refrescar ao menos a vista”. Um Nordeste onde “de espaço em espaço surge o deserto árido e triste e sobre ele se arrastando longos, esguios e sinuosos os caminhos feitos pelos pés dos homens e pelo rastro dos animais, esqueléticos, movendo os ossos num ruído desencontrado”.

A dor do sertanejo é imensa. Esse deserto triste em que se transformou o Nordeste o obriga a reunir a família e partir. Dos muitos retirantes que deixaram sua terra, “dezenas morriam no caminho, especialmente as crianças.” (VILLA, 2000, p. 146).

O afeto não surge de um momento passageiro. O sertanejo possui um grande sentimento por sua terra, construído pelos momentos vivenciados no cotidiano e

fortalecido ao longo da vida. Tuan (1983, p. 204) nos reforça que a importância atribuída a um lugar está diretamente ligada à intensidade do que se vive. É possível que uma experiência, por mais que seja de curta duração, possa transformar um local em um lugar, no sentido de aquele possuir algo que o torne lugar de vínculo. Assim como os indivíduos, as sociedades apresentam atitudes diferentes em relação ao tempo e ao lugar. Na obra *Cante lá que eu canto cá*, é perceptível que a forma de vida de quem habita o ambiente rural é totalmente diferente da de quem vive nos grandes centros urbanos. Cada grupo ao longo da vida vai adquirindo gosto por determinada coisa e atribui importância específica aos acontecimentos. O sertanejo não é exceção.

CAPÍTULO 3

EU TÔ NA TERRA ESTRANHA E É BEM TRISTE O MEU PENÁ

A migração está diretamente ligada com a impossibilidade de permanência em um determinado lugar. Visando a melhorias de vida e escapar da realidade de pobreza, algumas pessoas deixam seu lugar de origem e partem, muitas vezes, para lugares distantes e totalmente desconhecidos. O processo migratório acarreta muitas transformações na vida de quem se viu obrigado a partir. A vida na nova localidade pode representar ganhos, perdas e experiências que exijam uma nova estruturação social e cultural.

O sujeito migrante encontra nessa nova localidade muito mais do que diversidade geográfica. Ele conviverá com pessoas e informações novas. Nesse contexto, é impossível não sentir a mudança cultural. É ela umas das grandes responsáveis pela dificuldade de vivência distante do lugar de origem. O migrante encara cada novidade contrastando-a com a realidade em que vivia, pois a nova situação em que se encontra representa incertezas e dela surgem diversas inquietações. Para ele, resta apenas acreditar que a realidade atual se tornará favorável ou que ele poderá ainda retornar a suas raízes.

Na poética de Patativa a temática da migração é comum. Sobre isso, Andrade, (2003, p. 137) assevera:

O drama das estiagens e o quadro de miséria e privação, e ele associados, são presença forte na temática desta poesia. Patativa compôs, por exemplo, letra e música da célebre toada “A triste partida”, adotada por milhares de sertanejos nordestinos como um verdadeiro hino, por meio do qual, se identificam como membros de uma comunidade de destinos, que consiste em pervagarem sacudidos e arregimentados por duas forças que atuam como vetores opostos: o latifúndio que expulsa e a indústria no sudeste do país que atrai como uma voragem. Neste belo poema acompanhamos a sofrida trajetória de uma família de migrantes que deixa o Ceará em direção a São Paulo. O camponês pobre é expulso da terra natal pela seca, mas também pelo latifúndio, cuja marca e participação no drama do retirante, o poeta sabe indicar com habilidade e sutileza.

Passado o tempo de grande expectativa pela chegada da chuva, surge a desolação, e o sertanejo, sem possibilidade de vida no seu chão, parte para outra cidade. Estando lá, ainda convive com duas realidades: ficar no novo ambiente ou retornar para o sertão. O novo espaço é desafiador, pois ele representa condições sociais diferentes. O sertanejo de Patativa inserido na nova terra, apresenta-se sempre narrando experiências vividas, pois deseja preservar a sua identidade, é como se as lembranças do que viveu fossem necessárias para que consiga suportar todas

as mudanças que chegam com a saída do sertão.

3.1 Uma seca medonha me tanjeu de lá pra cá

Dentre as produções que retratam o lamento do nordestino ao ter que deixar sua amada terra, destacamos “A triste partida”. Nela é perceptível a face sofrida de um povo que, não podendo mais conviver no deserto em que se transformou o sertão, sente-se obrigado a deixá-lo. Seria necessária a intervenção do Criador para transformar em oásis a terra seca. Segundo Marinho e Pinheiro (2012, p. 86): “A saga do retirante comporta sofrimento na partida, no percurso e na chegada e permanência em terra estranha.”

O sertanejo de “A triste partida”, depois de ter esperado passivamente mês a mês a chegada da chuva, reúne a família e começa o percurso rumo a outras terras. Nesse caso, parte para o Sul. Vejamos:

Setembro passou, com outubro e novembro
Já tamo em dezembro.
Meu Deus, que é de nós?
Assim fala o pobre do seco Nordeste,
Com medo da peste,
Da fome feroz.

A treze do mês ele fez experiência,
Perdeu sua crença
Nas pedras de sã,
Mas nôta experiência com gosto se agarra,
pensando na barra
Do alegre Natá.

Rompeu-se o Natá, porém barra não veio,
O só, bem vermeio,
Nasceu munto além.
Na copa da mata, buzina a cigarra,
Ninguém vê a barra,
Pois a barra não tem.

Sem chuva na terra, descamba janêro,
Depois feverêro
E o mermo verão,
Entonce o rocêro, pensando consigo,
Diz: isso é castigo!
Não chove mais não!

Apela pra maço, que é o mês preferido
Do santo querido,
Senhô São José.
Mas nada de chuva! tá tudo sem jeito
Lhe foge do peito
O resto da fé.

Agora pensando segui ôtra tria,
Chamando a famia
Começa a dizê:
Eu vendo meu burro, meu jegue e o cavalo,
Nós vamos a São Palo
Vivê ou morrê. (ASSARÉ, 2012, p. 89)

Contam-se os dias e os meses, o inverno não chega. Na crença que mantém, passada de uma geração a outra, o sertanejo, sem chuva em março, mês do “Senhô São José”, desfaz-se de tudo, inclusive da fé, e decide partir. A seca o obriga a “segui ôtra tria”. O sertão vai ficando para trás. Junto à terra ressecada a família leva a esperança de que, quando tudo melhorar, todos voltarão. O destino é incerto, durante a longa viagem, o migrante vai vivenciando novas experiências, mas não esquece seu lugar e preserva sempre “o sonho do retorno pois mantém uma certa fidelidade a sua terra natal” (FERREIRA, 2005, p. 206).

Desfazendo-se do pouco que possui, fruto também de uma omissão política que oferece o mínimo ao pobre, aquela família segue para outras terras, parte saudosa e revestida de confiança em um destino afortunado que, no final, os traga de “vorta”:

Nós vamos a São Palo, que a coisa tá feia;
Por terras aleia
Nós vamos vaga.
Se o nosso destino não fô tão mesquinho,
Pro mermo cantinho
Nós torna a vortá.

E vende o seu burro, o jumento e o cavalo,
Inté mermo o galo
Vendêro também,
Pois logo aparece feliz fazendêro,
Por pôco dinheiro
Lhe compra o que tem.

Em riba do carro se junta a famia;
Chegou triste dia,
Já vai viaja.
A seca terrive, que tudo devora,
Lhe bota pra fora
Da terra natá. (ASSARÉ, 2012, p. 89)

Em cima do carro, normalmente sem nenhum conforto, reuniu a família, o pouco que ainda possuía, e é hora de seguir. Perdida a esperança na chegada do inverno próspero, agora é confiar no que de bom as terras distantes podem oferecer. Ao migrante será impossível não tecer comparações entre o novo lugar e a terra que fica para trás. Durante a viagem, vai experimentar momentos de dor, envolvendo as

lembranças da sua vida e confiança no futuro. É preciso recomeçar, cabendo e ele, “(re)construção de referenciais de vida” (PENNA, 1998, p. 86). A cidade de São Paulo representa o oposto da sua realidade. A vida na nova terra não trouxe a segurança que buscava. À medida que o tempo passa, o sertanejo reconhece que é impossível retornar:

Chegaro em São Palo – sem cobre, quebrado.
O pobre, acanhado,
Percura o patrão.
Só vê cara estranha, Da mais feia gente,
Tudo é diferente
Do caro torrão.

Trabaia dois ano, três ano e mais ano,
E sempre no prano
De um dia inda vim.
Mas nunca ele pode, só veve devendo,
E assim vai sofrendo
Tormento sem fim.

Se alguma notícia das banda do norte
Tem ele por sorte
O gosto de uvi,
Lhe bate no peito sodade de moio,
E as água dos oio
Começa a caí.

Do mundo afastado, sofrendo desprezo,
Ali veve preso,
Devendo patrão.
O tempo rolando, vai dia, vem dia,
E aquela famia
Não vorta mais não!

Distante da terra tão seca mas boa,
Exposto à garoa,
À lama e ao paú,
Faz pena o nortista, tão forte, tão bravo,
Vive como escravo
Nas terras do Su. (ASSARÉ, 2012, p. 89)

Tudo é “diferente do caro torrão”, o que causa estranheza ao sertanejo e, conseqüentemente, lhe gera sofrimento. O nordestino, em sua condição de migrante, estará com o pensamento sempre voltado ao seu lugar. A nova terra deveria representar algo passageiro; porém, com o passar do tempo e sofrendo com as péssimas condições de vida, a volta se torna uma realidade cada vez mais distante. O sertanejo carrega o fardo da exploração. A nova terra não acolheu a família e nem ofereceu o amparo de que necessitava; ao contrário, ela serviu para reavivar mais ainda as desigualdades sociais existentes entre esta e a sua.

Em síntese, o poema “A Triste Partida” é uma espécie de apelo que o sertanejo faz ao transcendente, uma súplica que revestida de religiosidade pede mês a mês que a chuva venha e que possa permanecer em sua terra. À medida que o tempo transcorre, a esperança e a fé vão desaparecendo, e é chegado o momento de “ganhar a vida” em outra terra, mas antes o pobre sertanejo tem que se desfazer do pouco que ainda lhe resta, inclusive se despindo da esperança de dias melhores.

A seca é a grande responsável pelo sofrimento do nordestino, “responsabilizada inclusive pelos conflitos sociais na região, pela existência do cangaceiro e do beato, naturalizando-se as questões sociais. Se o sertão pega fogo, é graças ao sol inclemente” (ALBUQUERQUE JR, 1994, p. 139). Diante dessa realidade, é importante se levar em consideração a história construída e apresentada por esses homens e mulheres portadores de cultura, envolvidos e atingidos por questões naturais e sociais, nem sempre favoráveis, levando-os a esse deslocamento e, com ele, a mudanças significativas em suas vidas.

Esse processo migratório se dá na maioria das vezes de forma sombria. Além das forças destrutivas que o obrigaram e estar nessa condição, a expressão de dor na face é menor do que a dor existente na alma, pois, partindo, de certa forma perde um pouco das histórias construídas, algumas destas passadas de uma geração a outra, como os hábitos religiosos e o cultivo de certos alimentos. O sertanejo, em outras terras, será obrigado a modificar sua vida para conseguir sobreviver.

Patativa nos apresenta em “A triste partida” o retrato de várias famílias que encontram no seu deslocamento para outra localidade a única possibilidade de melhoria de vida, que já não é possível em sua terra. A mudança nem sempre se dava para outra região, algumas famílias mudavam para algum estado mais próximo. Um exemplo dessa realidade encontramos nos poemas “ABC do Nordeste Flagelado” e “Emigrante Nordestino no Sul do país”:

Outro tem opinião
de deixar mãe, deixar pai,
porém para o sul não vai,
procura outra direção.
Vai bater no Maranhão
onde nunca falta inverno;
outro com grande consterno
deixa o casebre e a mobília
e leva a sua família
pra construção do governo. (ASSARÉ, 2012, p. 312)

Ante tanta consequência,

Viajam pelas estradas
Tangidas pela indigência
Famílias abandonadas,
Deixando o céu lindo azul,
Algumas vão para o Sul,
Outras, para o Maranhão,
Cada qual com sua cruz,
Se valendo de Jesus
E do padre Cícero Romão (ASSARÉ, 2012, p. 326)

A partida se dava de forma dolorosa, uma espécie de calvário, e, nesse caminho de dor, a única coisa que não podia ser abalada era a fé, pois, “se valendo de Jesus”, essas famílias acreditavam que nas forças vindas do alto estaria o milagre necessário para a mudança de vida. Entre as diversas manifestações religiosas e populares do migrante cearense, encontramos a figura de padre Cícero Romão, carinhosamente chamado de “Padim Ciço”, o santo da cidade de Juazeiro do Norte, berço de romarias e grandes peregrinações do povo em busca de milagres ou agradecimentos por bênçãos alcançadas. É válido destacar que a cidade de Juazeiro-CE, fundada por padre Cícero, também foi constituída por grandes migrações locais, ou seja, não podendo mais permanecer em suas terras impróprias para o cultivo, algumas famílias partiam para lá, na esperança de um recomeço, sem que precisassem ir para muito longe.

Os mais ousados seguiram rumo ao Sul, acreditando que lá teriam uma vida melhor, outros preferiam estados vizinhos, como é o caso do Maranhão:

A atratividade do Maranhão como principal local de “refúgio” das emigrações cearenses, tem raízes históricas. Iniciou-se com a seca de 1844 a 1846 e se intensificou durante as primeiras estiagens do século 20 (secas de 1915 e de 1932). Entre as décadas de 1940 e 1960, época em que o Ceará foi castigado por secas e marcado pela concentração de latifúndios, os retirantes migraram em busca de terras férteis no Maranhão, onde as estiagens foram menos intensas. (ROSADO, 1981; TROVÃO, 2008; BARBOSA, 2008, *apud* QUEIROZ; BAENINGER, 2015, p. 32)

A experiência de deixar a terra natal marca profundamente a vida do migrante, e, por mais que consiga retornar, muita coisa foi modificada em sua vida, devido à vivência no que tange ao aspecto pessoal e às questões sociais e culturais.

3.2 Cá no lá – O campo na cidade: “O destino me faz guerra e a sodade me devora”

Deixando para trás o Nordeste devastado pela seca, o sertanejo busca sobreviver nessa nova terra. Diante de tudo o que é novo, o pobre camponês não

consegue esconder o sentimento de desespero e a profunda tristeza por ter deixado tudo o que mais amava. O novo lugar não possui suas raízes, não faz parte do que o formou. As imagens do lugar de partida permanecem impregnadas na mente. Elas são a sua essência, são a certeza de uma identidade construída ao longo do tempo, dão a certeza de pertencimento a uma localidade; nesse caso, o sertão:

Me orguio e sinto ventura
De sê um Cabra da Peste,
Sou uma grande mistura
Das coisas do meu Nordeste.
Eu lhe digo com certeza
Não tou ligando as beleza
Deste Rio de Janêro;
Eu prefiro vê o Crato
Com praça, fonte, regato,
Itaitera e Grangêro (ASSARÉ, 2012, p. 267)³

O sertanejo parte para outro espaço, mas leva bem presente na memória as experiências vividas, sendo essas uma espécie de fortaleza para suportar a distância. Como quem está sempre preso ao passado, ele relata as alegrias e dificuldades de seu lugar querido, e é para esse universo bem vivo em suas lembranças que ele pretende voltar:

Vortá pra vivê gozando
Das obras da criação,
O vento forte rodando
As fôia sêca no chão,
As abêia em seus cardume
Mexendo com o perfume
Das fulô dentro da mata,
E se o dia a porta tranca,
Traz a nóite a lua branca
Cobrindo a terra de prata (ASSARÉ, 2012, p. 240)⁴

Como um sujeito deslocado, o migrante sertanejo estará sempre tecendo comparações entre a sua terra e o ambiente em que se encontra. Deixar (forçadamente) o campo na busca por sobrevivência e enfrentar na cidade problemas típicos das zonas periféricas, como desemprego e todo tipo de desigualdade, consistem numa realidade comum na vida do migrante sertanejo. A Serra ficou para trás, mas os momentos vivenciado durante toda a vida e a relação de intimidade com ela estão sempre presentes nas lembranças. A condição de flagelado na nova terra torna ainda mais vivo o desejo de voltar para o sertão, pois este, com suas belezas,

³ Cf. "Sodade é assim".

⁴ Cf. "Serra de Santana".

pode oferecer o verdadeiro aconchego. O sertanejo mostra uma certa garra em suas palavras. É notório na fala do sertanejo que ele se encontra diante de uma situação desfavorável e se percebe como mais um excluído, dentre tantos que encontrou de um lado do Brasil. Esse sertanejo, aparentemente consciente da nova realidade em que se encontra, não é apenas um retirante em busca de riqueza, é mais um miserável numa grande desvantagem em relação a outros que usufruem das riquezas que a cidade grande pode oferecer:

Meu compadre Zé Fulô,
Meu amigo e companheiro,
Faz quage um ano que eu tou
Neste Rio de Janêro;
Eu saí do Cariri
Maginando que isto aqui
Era uma terra de sorte,
Mas fique sabendo tu
Que a miséra aqui no Su
É esta mesma do Norte.

No Brasi de Cima anda
As trombeta em arto som
Ispaindo as propaganda
De tudo aquilo que é bom.
No Brasi de Baxo a fome
Martrata, fere e consome
Sem ninguém lhe defendê;
O desgraçado operaro
Ganha um pequeno salar
Que não dá para vivê.

No Brasi de Baxo eu vejo
Nas ponta das pobre rua
O descontente cortejo
De criança quage nua.
Vai um grupo de garoto
Faminto, doente e roto
Mode caçá o que comê
Onde os carro põe o lixo,
Como se eles fosse bicho
Sem direito de vivê. (ASSARÉ, 2012, p. 274)⁵

O sertanejo partiu com a esperança de melhoria de vida. O Sul representava a possibilidade de viver com dignidade, mas a realidade que encontra possui dois “Brasis”: um feito para os ricos e ou outro onde ele, pobre exilado, encontra-se. O “Brasi de Baxo” é formado por situações de extrema pobreza. As dificuldades que enfrentam muitos que o pobre camponês encontra no seu cotidiano, os desvalidos da sociedade, refletem a grande desigualdade social existente.

⁵ Cf. “Brasi de Cima e Brasi de Baxo”.

Ao partir para outra terra, o sertanejo rompe com suas origens e o que encontra não é o que esperava. A esperança de possuir uma vida melhor deu lugar a um grande sofrimento. Ele, um homem livre em sua terra, tornou-se escravo na terra em que acreditou construir riqueza. Devendo ao patrão, sabe que não consegue mais voltar para o lugar querido, que, apesar de seco, era um lugar que podia chamar de seu.

O sertanejo e sua família enfrentam grandes dificuldades, os colocando novamente à margem da sociedade, com péssimas condições de vida, sem direito à saúde, moradia digna, ou seja, sem o básico para viver:

A boa esposa chorosa,
Naquele estranho ambiente,
Recorda muito saudosa
Sua terra e sua gente.
Lamenta, suspira e chora
Com a alma dolorida.
Além da necessidade
Padece roxa saudade
Da sua terra querida.

Para um pequeno barraco,
Já saíram da marquise,
Mas cada qual o mais fraco,
Padecendo a mesma crise
Porque o pequeno salário
Não dá para o necessário
Da sua manutenção,
Estão ficando sem roupa
E sobre sacos de estopa
Todos dormindo no chão.

Naquele ambiente estranho
Continua a emergência,
Rigor de todo tamanho
Sem ninguém dar assistência
Ninguém vê, ninguém assiste
Àquela família triste
Quase sem pão e sem veste,
Que sente no coração
Saudosa recordação
Das cousas do seu Nordeste. (ASSARÉ, 2012, p. 328)⁶

Dividido entre o sofrimento nessa nova terra e a saudade do seu lugar querido, o sertanejo vai passando os dias. Sobre o aspecto da saudade, Albuquerque Jr. (1994, p. 105) afirma:

A saudade, assim como a sua companheira tradição, constituem uma autoridade superior a que se deve submeter sem questionar. Não se critica ou se discute saudade e tradição. Elas se impõem como verdades validadas pelo passar do tempo, validadas pela durabilidade. A saudade como a

⁶ Cf. "Emigrante nordestino no sul do país".

tradição têm medo da história, lutam para aparecerem como algo sedimentado no tempo, como pedaços redivivos do passado, quando na verdade são invenções do presente. O que está preso à saudade ou fundamentado na tradição parece ser sempre válido, ser sempre verdade e ter sentido em qualquer época. O saudosista, assim como o tradicionalista são reacionários ao novo.

O sertanejo tem apego à sua terra. Na cabeça: a imagem da água cristalina que deixa o lugar verde, da ida ao campo que fértil lhe permite o sustento da família, das noites de luar em que pode contar causos. Preso a essas imagens e a momentos de outrora, dificilmente conseguirá adaptar-se ao novo ambiente, pois o novo surge como tudo aquilo que o distancia da sua realidade.

O homem do campo e toda sua trajetória de vida, inclusive as questões relativas à tradição e à identidade cultural, vão se fixar em outro espaço, encontrando todas as diferenças que este apresenta. Consciente de que partiu por não ter opção, pois ficando em sua terra morreria de fome, o sertanejo saudoso reveste-se de força e coragem, afirma que quando puder retornará, pois a vida nessa nova localidade não lhe garantiu viver dignamente e não há um único dia em que fique sem pensar em sua terra, é o que fica claro no poema “Vou vortá”:

Vou vortá pro meu sertão
Não posso me acostumá
Com o grande reboliço
Das ruas da capitá.
Vem um carro em minha frente
E depressa, de repente,
Já vem outro por detrás.
É uma coisa sem soma,
O fôrgo que a gente toma
É só cantiga de gás.

Vou vortá pro meu sertão,
Eu não me acostumo aqui.
Vou vivê no meu cantinho,
Lá perto do Cariri.
Vou vê a minha paioça
Minha muié, minha roça,
Que eu vivo é do trabaio,
É da minha prantação,
E diz um veio rifrão:
– Cada macaco em seu gaio (ASSARÉ, 2012, p. 210)

Viver em outro ambiente, distante da sua terra e das pessoas que ama, é produzir diariamente uma voz de saudade. É perceptível que o sertão não foi deixado por não ser querido; caso contrário, não haveria esse lamento. Além de ser um ambiente totalmente diferente do seu, inclusive nas questões de âmbito social e

cultural, o sertanejo ainda é colocado à margem da sociedade, não tendo direito de usufruir do básico para sobreviver. A realidade de privações não o deixa esquecer como é diferente a vida no “[seu] cantinho, / perto do Cariri”. O sertanejo afirma que vai voltar. Ele não consegue conviver com tudo o que a cidade apresenta, pois ele é do campo e deve permanecer lá. O certo é “cada macaco em seu gaio”.

O migrante sertanejo tem a vida marcada pela lembrança do que ficou. O novo é tudo que difere do seu lugar. Submetido a uma nova forma de vida, tudo causa estranheza ao sertanejo saudoso e reaviva ainda mais o sentimento pelas coisas simples que formavam seu cotidiano. Saindo de casa perdeu um pouco da sua cultura. Estando fora, na terra distante e estranha, a vida da “capitá” somente reaviva o amor pela sua terra.

O sertanejo, convivendo com tudo o que difere do seu sertão, busca localizar-se dentro dessa nova realidade, compreender a forma de vida de cada um. Fixado nas terras distantes, passa para uma realidade sociocultural diferente e nem sempre é fácil esse processo de adaptação. Considerando-se estranho nessa terra, a vida no campo continua sendo a mais bela, e ele vai voltar. Como assevera Tuan (1974, p. 113): “Para viver, o homem deve ver algum valor em seu mundo. O agricultor não é exceção”.

Normalmente, a presença de alguém de fora em determinado ambiente é facilmente reconhecida, pela forma como fala, se veste ou se comporta em alguma situação. O homem do sertão, quer seja agricultor ou possua outra profissão, seria facilmente reconhecido fora de seu ambiente, muitas vezes pelas características físicas, fala, forma como se vestia ou se comportava em determinada situação. Tal postura talvez possa causar incômodo ou estranheza para alguém da cidade. Para o sertanejo, é algo que caracteriza sua vida e, portanto, motivo de orgulho. Esse sentimento é bastante claro em “Vaca Estrela e Boi Fubá”:

Eu sou fio do Nordeste,
Não nego o meu naturá
Mas uma seca medonha
Me tanjeu de lá pra cá.
Lá eu tinha meu gadinho
Não é bom nem maginá,
minha bela Vaca Estrela
E o meu lindo boi Fubá,
Quando era de tardezinha
Eu começava a aboiá.
Ê ê ê Vaca Estrela
ô ô ô Boi Fubá.

E hoje, nas terras do Sú,
Longe do torrão natá,
Quando vejo em minha frente
Uma boiada passá
As água corre dos oio,
Começo logo a chorá,
Me lembro da Vaca Estrela,
Me lembro do Boi Fubá;
Com sodade do Nordeste
Dá vontade de aboiá.
Ê ê ê Vaca Estrela
ô ô ô Boi Fubá. (ASSARÉ, 2012, p. 323)

Conviver com a nova realidade constitui algo quase impossível de sustentar. Sempre que tem a possibilidade de conversar com alguém pertencente ao novo lugar, o assunto na maioria das vezes é a vida que deixara. Obrigado a ir para outra cidade por causa da seca, fica claro no poema que a permanência neste no novo ambiente é forçada, pois, não tendo condições de vida em sua terra, precisa permanecer distante e diariamente tem que lidar com as lembranças e a saudade.

O sertanejo tem grande afeto por seu lugar. Sabe-se que ele não possui riqueza nem nível de escolaridade, e não fica claro em momento algum que esteja buscando tal condição, pois tudo de que necessita para ser feliz é encontrado na convivência com a natureza.

Sobre isso, Tuan (1974, p. 114) reforça:

Os povos analfabetos podem estar profundamente afeiçoados ao seu lugar de origem. Eles podem não ter o senso ocidental moderno, mas quando procuram explicar a sua lealdade para com o lugar, ou apontam os laços com a natureza (o tema mãe-terra), ou recorrem à história.

O apego ao lugar de origem é justificado por meio das raízes históricas, do cultivo de determinado produto, que de certa forma mantém viva uma atividade que passa de uma geração a outra, da devoção a tudo o que está relacionado ao local. Para Tuan (1974, p. 116): “O patriotismo local reside na experiência íntima do lugar e no sentido da fragilidade do que é bom: não há garantia de que dure, aquilo que amamos”.

Na forma como o sertão é apresentado em *Cante lá que eu canto cá*, é perceptível um enorme sentimento pelo campo, engrandecido pelas belezas naturais, lugar de grande riqueza cultural e de gente simples. Ter que deixá-lo forçadamente e partir para uma nova terra, com todas as mudanças que esta acarreta, é viver em descontentamento. Reconhecer-se como velho nesse ambiente novo é muitas vezes

desconhecer que as dificuldades pelas quais irá passar ainda podem ser maiores. O sertanejo/migrante precisa construir uma relação com o novo espaço. Diariamente revestir-se-á de resistência para vencer a tristeza e as dores causadas pela distância da sua terra.

Ao deixar a terra natal e, junto com ela, toda sua história, o pobre camponês parte acreditando que é uma questão de tempo conseguir voltar, mas a realidade é diferente, pois chegando a esse novo local, além de enfrentar uma forma de vida diferente da sua, terá que conviver com a fome, a miséria e toda a ausência de estruturas que lhe garantam viver dignamente. Estando nesse novo ambiente, o sertanejo de Patativa conviverá com a presença do doutor e de toda a diferença sociocultural e econômica que ele representa, porém o sertanejo, ao mesmo tempo que lamenta sua condição de excluído, considera-se com direito de reivindicar.

Encontra-se presente na cidade um sertanejo de voz matuta, que, deixando sua localidade, não faz esforço nenhum para mudar a forma de se expressar. Mantém-se firme no falar e no agir, traços de uma vida que o obrigou a ser forte.

Sua presença física e sua voz são os recursos que lhe restam, nesta situação, para lutar e fazer valer a sua verdade. A presença física e o som da voz assumem o significado particular de conferir maior veracidade ao ponto de vista que por este meio se exprime. A palavra pronunciada de viva voz é um tipo de contato entre os indivíduos que os iguala na medida em que os confronta na condição de sujeitos, a voz é sinal de um engajamento com o que está sendo dito, engajamento de que é testemunho o próprio envolvimento físico da pessoa que fala. Nesta perspectiva, a vigência do regime da oralidade na poesia de Patativa do Assaré deve ser atendida como *práxis* poética e política, que exprime os pressupostos do seu lugar de fala. (ANDRADE, 2003, p. 199)

Embora jamais consiga apagar da memória a paisagem da sua terra, sabe apreciar o belo que existe fora do seu “pedaço de chão”. É o que fica claro em poemas como “Coisas do Rio de Janeiro”. Mas as belezas existentes nas terras do Sul e toda a novidade e encantamento que trazem não preenchem o vazio deixado pela distância do lugar querido. O sertanejo encontra-se perdido, pois sua identidade é marcada pelo cultivo da agricultura, rezas em capelas simples, fogueiras de São João, entre outras manifestações locais. Como afirma Albuquerque Jr. (1994, p. 107): “Existe toda uma realidade múltipla de vidas, histórias, práticas e costumes no que hoje chamamos de Nordeste”. Fora desse ambiente, ficaram para trás também esses momentos partilhados, os momentos devocionais aos santos, as músicas e danças, crenças e tudo o que representa a identidade cultural do povo nordestino.

Ao deixar tudo o que representa sua vida particular e comunitária, o sertanejo encontrará nas terras do Sul uma realidade diferente da sua e correrá o risco de não ser bem acolhido por ela, tendo em vista que vem de uma localidade onde os costumes são totalmente diferentes dos desse ambiente em que se encontra. Tais diferenças vão muito além de meras questões econômicas.

Nesse mundo moderno, contramão do seu, encontra-se perdido e, de certa maneira, desprotegido, pois tudo aquilo com que se depara, mesmo que seja belo e encantador, não preenche o vazio que é a vida distante da sua região. É o que podemos perceber em trechos do poema “Sodade é assim”:

Me orguio e sinto ventura
De sê um Cabra da Peste,
Sou uma grande mistura
Das coisa do meu Nordeste.
Eu lhe digo com certeza
Não tô ligando as beleza
Deste rio de Janêro;
Eu prefiro vê o Crato
Com praça, fonte, regato,
Itaitera e Grangêro. (ASSARÉ, 2012, p. 265)

As fronteiras existentes entre a vida sertaneja e a da cidade, dentro da obra de Patativa do Assaré, nos possibilitam um estudo amplo e de fonte inesgotável, pois é perceptível a presença de um Nordeste cujo espaço vai além da questão geográfica.

Cante lá que eu canto cá apresenta uma forte relação do sertanejo com seu lugar querido. A identificação com esse espaço se dá de forma tão intensa, que esse sertanejo de mão calejada assume uma voz firme ao falar do lugar onde nasceu, uma vez de quem sofre quando está longe da terra natal.

O nordeste apresentado por Patativa do Assaré é rico, e o sertanejo precisa ser visto a partir de elementos que valorizam sua cultura e sua história, e não como um sujeito em deslocamento total, que precisa viver de acordo com os aspectos culturais de uma nova localidade. Ao mudar de ambiente, o sujeito não necessariamente apaga sua história de vida; ao contrário, ela segue com ele, e “o mal-estar causado pelo novo, leva ao reforço das máscaras tradicionais, mesmo que estas sejam obsoletas para enfrentarem a nova realidade social”. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 1994, p. 106).

CAPÍTULO 4 LÁ NO CÁ – A PRESENÇA DA CIDADE NO SERTÃO

Patativa do Assaré possui uma identidade que foi construída no espaço rural, e daí surge seu fazer poético, apresentando as particularidades de uma terra sofrida devido ao sol escaldante, mas uma terra viva pela fé e pela vontade de vencer do seu povo. Em Patativa encontramos uma história que vira rima e se transforma em poesia. Sobre o poeta sertanejo, Feitosa e Arruda (2009, p. 56) asseveram:

Pois bem, não dá pra falar de Patativa do Assaré sem situá-lo no seu campo natural: o sertão, que lhe inspira e lhe insere uma identidade, ora criada por ele e disseminada em seus cantos, ora lhe imputada e recusada por sua experiência. Qualquer um de seus livros e poemas, mais especialmente o livro *Cante lá que eu canto cá* funciona como um código que impõe respeito às identidades próprias de sua gente.

Os versos de Patativa, conforme destacam os autores, oferecem um amplo debate no que se refere à natureza e à cultura, apresentando um homem construído com os encantos e desencantos do tempo e de seu ambiente. A produção de Antônio Gonçalves nos faz reafirmar que “não somos homens e mulheres de cultura. Somos homens e mulheres cultura. Somos o que comemos, somos o que sonhamos, somos o que vestimos, somos o que oramos, somos o que vivemos. E tudo o que vivemos é a nossa história” (FEITOSA; ARRUDA, 2009, p. 62).

O matuto tem uma relação singular com o seu sertão. Tem suas necessidades, inclusive as de ordem subjetiva, satisfeitas e partilhadas nele. A apropriação desse ambiente transforma-o em espaço de grande significado, cheio de experiências, passando a ser, verdadeiramente, lugar.

O homem do campo é reconhecido muitas vezes pela função que desempenha. Sua característica física é associada ao trabalho na lida, e, em grande parte da poética de Patativa, tal realidade é retratada como motivo de orgulho e não com o sentimento de inferioridade a alguém mais poderoso. O poema “O vaquêro” é uma expressão de orgulho, um canto de prazer em fazer parte de tal grupo:

Eu venho dêrne menino,
Dêrne munto pequenino,
Cumprindo belo destino
Que me deu nosso Senhô.
Eu nasci pra sê vaquêro,
Sou o mais feliz brasilêro,
Eu não invejo dinhêro,
Nem diploma de dotô.

Sei que o dotô tem riqueza,
É tratado com fineza,
Faz figura de grandeza,
Tem carta e tem anelão,
Tem casa branca jeitosa
E ôtas coisa preciosa;
Mas não goza o quanto goza
Um vaquêro do sertão. (ASSARÉ, 2012, p. 213)

Esse homem simples que fala com alguém superior, cuja profissão não conhecemos, sente orgulho de ser vaqueiro, atividade que desenvolve desde menino e que seria para ele uma forma de riqueza, pois é por meio dela que é reconhecido no sertão.

Uma descrição fiel dessa realidade sertaneja e uma espécie de reafirmação cultural, podendo ser compreendida também como uma demonstração de que diferenças existem e de que o valor de cada coisa depende da atribuição feita a ela, encontramos no poema “Cante lá que eu canto cá”. Sobre esse poema, Plácido Cidade Nuvens nos diz:

O que faz Patativa no decantado poema *Cante lá que eu canto cá?* Apresenta-se como verdadeiro, autêntico e legítimo intérprete do sertão, tala, como Vinicius de Moraes quando falava que o intérprete é um intérprete, Patativa dá forma poética a uma série de sensações, intuições e conhecimentos capazes de tornarem o sertão mais palpável e mais perceptível na sua realidade inteira, pois plasmadas sob as dimensões de um verdadeiro documentário estético, sua poética descritiva e reveladora do sertão, da sua gente e de sua vida, captadas pelas antenas do coração lírico de um poeta telúrico. Neste documento estético, que é a obra poética de Patativa do Assaré, há muita pulsação de vida, há uma grande densidade humana. Este documento estético é uma exaustiva observação apaixonada e uma arguta reflexão, longamente ruminada, que procura o significado pleno da vida do sertão e do sertanejo. (NUVENS; ARRUDA, 2009, p. 65)

Patativa e o sertão eram fundidos. O poeta fez desse relacionamento íntimo sua inspiração, seu instrumento de produção. Na sua poesia, encontramos muitas situações em que fica claro o encontro de duas realidades opostas, ou seja, um matuto que se dirige a uma figura aparentemente em situação mais elevada, alguém que não pertence ao seu ambiente: o “dotô”, homem da cidade, aquele que vive distante da realidade sertaneja.

O sertanejo viveu grande parte da sua vida no sertão nordestino, pouco conheceu de outros ambientes; portanto, esse lugar representa seu passado, com todas as suas histórias de alegrias e sofrimentos. O sertão é valioso, e a identificação do sertanejo com sua terra é imensa; por isso, tudo o que vem de fora, do “lá”, gera desconforto e necessita ser questionado.

A presença do “lá” no “cá” representa para o sertanejo a quebra das suas raízes, modificação de vida, e, conseqüentemente, causa sofrimento. O matuto é alguém que convive desde cedo com a seca e com a dificuldade de uma vida de privação; por isso, para ele, os poucos momentos de festividade e alegria provocados pela vivência comunitária devem ser preservados. Lidar com uma pessoa em condição de vida superior à sua é desafiador, e o sertanejo não silenciará diante de algumas situações; ao contrário, demonstrará segurança ao questionar a necessidade da presença de uma figura totalmente urbana, no campo.

4.1 O matuto e o “dotô”

O sertanejo de Patativa vê a chegada da cidade em seu ambiente como algo que castra tudo o que foi plantado em sua terra e nas relações existentes nela. A forma como cada indivíduo se relaciona com o ambiente depende das relações existentes, dos vínculos afetivos e das histórias construídas nele. Nesse aspecto, é possível uma divisão em dois grupos: o sujeito que possui raízes familiares e históricas, e aquele que se insere no espaço apenas por um tempo determinado. O ser humano possui a capacidade de adaptação, ou seja, consegue viver em vários lugares e relacionar-se com grupos distintos, o que não o obriga a ter todos os grupos e suas localidades como parte da sua história. Isso vai depender, como já mencionado, das relações que são estabelecidas.

As atitudes que uma determinada pessoa apresenta sobre a vida, seja no campo, seja nas áreas urbanas, têm a ver com variações individuais e, de certa forma, coletivas, ou seja, a forma de vida de algumas comunidades tem um poder enorme na atribuição de valor ao lugar. Para Tuan (1974, p. 72): “O visitante e o nativo focalizam aspectos bem diferentes do meio ambiente”. Dentro das diferenças existentes, no que se refere à forma de se perceber algo, vale destacar que cada um atribui significado a algo de acordo com a importância que possui na sua vida. Nativo e visitante não verão um determinado ambiente da mesma forma, mas é importante que se tenha clareza de que a opinião do visitante deve ser considerada. Vale ressaltar que a visão diferenciada que cada indivíduo tem de um mesmo ambiente não consiste em um problema, pois a forma de olhar vai além do momentâneo.

Sobre essa temática, Tuan reforça:

A avaliação do meio ambiente pelo visitante é essencialmente estética. É a visão de um estranho. O estranho julga pela aparência, por algum critério formal de beleza. É preciso um esforço especial para provocar empatia em relação às vidas e valores dos habitantes. (1974, p. 74)

As diferenças existentes entre quem vive num ambiente e quem apenas está de passagem por ele podem ser vistas a partir de uma relação de superioridade e inferioridade. O novo que surge muitas vezes pode ser considerado superior por quem vive na localidade. A presença da cidade no espaço rural às vezes correrá o risco de ser recebida com rejeição, pois representa tudo o que pode modificar a forma de vida existente nele como, por exemplo, a quebra dos vínculos estabelecidos e dos laços culturais.

O sujeito que adentra um novo ambiente, poderá ser guiado por outros interesses, principalmente de natureza econômica. Por isso, para quem é originário do meio, a presença dessa pessoa representa tudo aquilo que ameaça a forma de vida existente. Para Williams (1980, p. 75):

Assim, o contraste temporário entre campo e cidade é de importância apenas indireta. Mas há aí uma outra dimensão que deve ser enfatizada. Obviamente, a cidade se alimenta daquilo que o campo a seu redor produz. Isso ela pode fazer graças aos serviços que oferece, em autoridade política, no direito e no comércio, àqueles que comandam a exploração rural, aos quais está normalmente associada por vínculos de necessidade mútua de lucro e de poder.

Patativa do Assaré nos apresenta, em várias produções, um sertanejo que transita entre o seu ambiente e um novo, bem como narra a presença de alguém de fora de quem raramente sabemos o nome. Apenas fica claro que é uma pessoa que não se encontra na mesma situação econômica que as pessoas da localidade. Nos poemas “Filosofia de um trovador sertanejo” e “Coisas do meu sertão”, encontramos um exemplo dessa fala direcionada a alguém que se encontra em mais “alto grau” do que o sertanejo:

Seu dotô pede que eu cante
Coisa da filosofia;
Escute que eu vou agora
Cantá tudo em carretia;
O senhô pode escutá,
Que se as corda não quebrá,
Nem fartá minha cachola,
Eu lhe atendo num instante:
Nada existe que eu num cante
Nas corda desta viola. (ASSARÉ, 2012, p. 182)

Seu dotô aprendeu tudo,
mas não quis esta lição,

mode não sofrê na vida
sacrifício e percisão,
pois aqui veve o matuto,
De ferramenta na mão.
A sua comida é sempre
Mio, farinha e feijão
E, se às vez, mata um porquinho,
Come iguamente a um barão (ASSARÉ, 2012, p. 289)

Tendo consciência do valor do seu lugar de origem e, conseqüentemente, das divergências entre este e o universo da cidade, cada vez que precisa conversar com alguém que vem de fora, o pobre camponês o fará sem omitir a realidade local, destacando as dificuldades enfrentadas por causa da seca e a negligência do poder político, o que não torna seu espaço como algo sem valor, ao contrário. Por acreditar nas coisas boas que existem em sua terra é que fala e luta por melhorias:

Com efeito, uma das dimensões mais marcantes da obra de Patativa do Assaré é a preocupação de descrever a vida cotidiana do sertão e, através deste testemunho, protestar o reconhecimento da dignidade, da integridade e da modéstia do camponês sertanejo por oposição à arrogância do cidadão urbano ou do brasileiro do sul. (DEBS, 2009, p. 90)

Dentro dessas diferenças entre a vida “cá” e “lá”, Patativa vai mostrando o poder de fala de um homem rústico, com uma mensagem cheia de conhecimento e atenta a tudo que vem de fora. O sujeito do sertão não se contém diante da presença de uma cultura moderna e seu poder modificador e, de certa forma com uma insubordinação, mostra que tem trilhado um percurso diferente do que vem da cidade. No poema “Ao dotô do avião”, nos deparamos com a forte presença da cidade no chão sertanejo:

No Nordeste do país
O dotô propaga e diz
Que o avião faz chuvê
Se o senhô tanto comenta.
Proque no ano 70
Dexou tudo se perdê?

Seu dotô, tome conseio,
Já que este seu apareio
Não pode inverno mandá
Impregue em ôtro trabaio
Arranje ôtro quebra gaio,
Que deste jeito não dá.

Seu avião, seu bisôro,
Tá fazendo um grande agôro
Cronta as coisas naturá,
Respeite o Deus verdadêro,

Não mexa nos nevuêro,
Seu dotô, vá se aquetá. (ASSARÉ, 2012, p. 254)

A figura do “dotô” como alguém que oferece solução para todos os problemas é questionada pelo homem do campo, pois se essa modernidade é solução para os problemas relativos à lavoura, como é possível ter histórico de grandes perdas, como, por exemplo, uma ocorrência nos anos 70?

Tal questionamento é feito, mais uma vez, levando-se em consideração a religiosidade bem presente no sertão. Ao afirmar que o avião não consegue modificar o cenário, o sertanejo manifesta sua crença, pois, para ele, somente um “Deus verdadeiro” é capaz de garantir a vida nesse chão. O sertanejo representando os valores, inclusive os religiosos, bem presentes em sua região, nos mostra um Nordeste em que a comunidade local se posiciona contrária a tudo que invade sua vida, trazendo imposições. O homem do campo posiciona-se contrário a tudo o que vem como imposição e representa a quebra histórica e cultural; por esse motivo, tem sempre uma voz que fala em diferenças existentes e reafirma a importância de cada um permanecer em sua localidade. O poema “Cante lá que eu canto cá” nos mostra alguém que sabe que essas diferenças existem, ou seja, campo e cidade são compostos por realidades distintas. Tais diferenças são apresentadas por um sujeito (cantador) que toma posse do seu espaço, relata as condições de vida, deixando perceptível que conhece as maravilhas da terra e da cidade, mas que sua terra não necessita ser “mexida” por ninguém. Nas três primeiras estrofes fica em evidência esse sentimento de pertencimento ao local, bem como a necessidade de se reafirmar isso:

Poeta, cantô de rua,
Que na cidade nasceu,
Cante a cidade que é sua,
Que eu canto o sertão que é meu.

Se aí você teve estudo,
Aqui, Deus me ensinou tudo,
Sem de livro precisá
Por favô, não mêxa aqui,
Que eu também não mexo aí,
Cante lá, que eu canto cá.

Você teve indução,
Aprende munta ciência,
Mas das coisa do sertão
Não tem boa experiência.
Nunca fez uma paioça,
Nunca trabaçou na roça,

Não pode conhecê bem,
Pois nesta penosa vida,
Só quem provou da comida
Sabe o gosto que ela tem. (ASSARÉ, 2012, p. 25)

Possuidor de um grande sentimento de posse, o sertanejo encontra no seu meio a grande inspiração para compor seu canto de exaltação. Muito mais que mostrar as diferenças entre a cidade e o sertão, ele apresenta o grande valor que possui a simplicidade da vida rural.

É importante frisar que, mesmo vivendo distante da vida da cidade, o sertanejo demonstra conhecer bem o cotidiano do centro urbano. Reconhecendo-se como tantos nordestinos, fala com propriedade, pois sua realidade é também a de muitos.

O sertanejo de Patativa tem um posicionamento firme sobre a realidade de sofrimento do povo do sertão. Sabe-se que o sertão é cheio de imagens, dentre elas, a da seca, mas ele sabe que sua terra possui belezas e riquezas naturais. Por trás da dor do povo, há um sertão repleto de crenças e superstições, e o sertanejo apresenta um sertão composto por uma gente que tem um modo de vida específica. Quem não vive nessa realidade dificilmente conseguiria retratá-la com fidelidade.

O homem do campo, sujeito sem instrução, como é perceptível no poema mencionado anteriormente, possui um grande conhecimento da realidade do “lá”, ou seja, a cidade, e esta é tão conhecida como se ele habitasse nela. Com esse modo de ser típico do sertão, em oposição a quem vive na cidade, o poeta, fiel à sua localidade, enfatiza as belezas e os valores locais, sem omitir o sofrimento vivenciado por quem habita ali. Cantar o “padecê” é ser fiel ao cotidiano, enfrentando a fome, dor e a miséria. É o que fica perceptível na fala seguinte:

Pra gente cantá o sertão
Precisa nele morá,
Tê armoço de feijão
E a janta de mucunzá,
Vivê pobre, sem dinhêro,
Socado dentro do mato,
De apragata currelepe,
Pisando inriba do estrepe,
Brocando a unha-de-gato.

Você é muito ditoso,
Sabe lê, sabe escrevê,
Pois vá cantando o seu gozo,
Que eu canto meu padecê.
Inquanto a felicidade
Você canta na cidade,

Cá no sertão eu infrento
A fome, a dô e a misera.
Pra sê poeta divera,
Precisa tê sofrimento. (ASSARÉ, 2012, p. 25)

O sertanejo demonstra ser um grande conhecedor das questões sociais. Há um sentimento de revolta, não por viver no sertão, mas por saber que a condição de sofrimento a que é acometido é fruto da ação de alguns homens que detêm o poder.

A figura do sertanejo de Patativa mistura-se a de tantas outras que vivem o cotidiano do sertão. O sujeito reforça a importância da sua fala na defesa das suas raízes. A pessoa da cidade possui um certo grau de conhecimento, há beleza nas palavras apresentadas de “maneira correta”, mas elas não se encaixam no contexto da roça, pois não seriam a verdadeira realidade do povo:

Amigo, não tenha quêxa,
Veja que eu tenho razão
Em lhe dizê que não mêxa
Nas coisa do meu sertão.
Pois, se não sabe o colega
De quá manêra se pega
Num ferro pra trabaiaá,
Por favô, não mêxa aqui,
Que eu também não mêxo aí,
Cante lá que eu canto cá.

Repare que a minha vida
É deferente da sua.
A sua rima pulida
Nasceu no salão da rua.
Já eu sou bem deferente,
Meu verso é como a simente
Que nasce inriba do chão;
Não tenho estudo nem arte,
A minha rima faz parte
Das obra da criação. (ASSARÉ, 2012, p. 25)

Embora a rima do poeta da cidade seja mais rica, “bordada de prata e de ôro”, significando ser mais perfeita e detalhada, suas palavras não seriam adequadas para apresentar o cotidiano do sertão, pois para isso é preciso ter os pés fincados nessa terra. Ao poeta da cidade não caberia a função de apresentar/falar desse lugar, da vida do povo do sertão, pois ele não vivencia as agruras e o drama de uma terra onde resistência é um exercício diário.

Devido à sua condição social, o povo sertanejo carrega desde há muito tempo a condição de desvalido. A vida na cidade seria o posto disso. Portanto, quem vive fora desse contexto seria infiel na sua representação. O “poeta cantô da roça” reconhece que cada um possui sua arte, e esta deve ser levada em consideração.

Para ele, a sua produção artística surge da terra, desse ambiente que se oferece como assunto para construir sua poesia. Mesmo que seja sem polidez e por não ter tido acesso à escola, sua rima é mais valiosa ainda, pois foi presenteada por quem criou todas as coisas:

Mas porém, eu não invejo
O grande tesôro seu,
Os livro do seu colejo,
Onde você aprendeu.
Pra gente aqui sê poeta
E fazê rima completa,
Não precisa professô;
Basta vê no mês de maio,
Um poema em cada gaio
E um verso em cada fulô.

Seu verso é uma mistura,
É um tá sarapaté,
Que quem tem pôca leitura
Lê, mais não sabe o que é.
Tem tanta coisa incantada,
Tanta deusa, tanta fada,
Tanto mistéro e condão
E ôtros negoço impossible.
Eu canto as coisa visive
Do meu querido sertão.

Canto as fulô e os abróio
Com todas coisa daqui:
Pra toda parte que eu óio
Vejo um verso se bulí.
Se as vêz andando no vale
Atrás de curá meus male
Quero repará pra serra
Assim que eu óio pra cima,
Vejo um divule de rima
Caindo inriba da terra.

Mas tudo é rima rastêra
De fruita de jatobá,
De fôia de gamelêra
E fulô de trapiá,
De canto de passarinho
E da poêra do caminho,
Quando a ventania vem,
Pois você já tá ciente:
Nossa vida é deferente
E nosso verso também. (ASSARÉ, 2012, p. 25)

É perceptível a profundidade da relação entre o poeta roceiro e o seu sertão. Ele tem à sua disposição um cenário natural, privilégio recebido por ter nascido nele, o que se torna matéria-prima para que possa construir sua poesia, que, brotando dos galhos com beleza e simplicidade, poderia ser compreendida até mesmo por quem

não teve acesso à escola. Já no que se refere ao produzido pelo poeta da cidade, não haveria essa possibilidade de compreensão, pois a sua produção artística não seria fiel à realidade, surgiria como algo superficial, fora do cotidiano. Esse espaço vivo, produtivo e favorável à criação faz o sertanejo reafirmar que sua vida em relação ao poeta da cidade é tão diferente quanto o verso que cada um produz:

Repare que deferença
Iziste na vida nossa:
Inquanto eu tô na sentença,
Trabaiando em minha roça,
Você lá no seu descanso,
Fuma o seu cigarro mando,
Bem perfumado e sadio;
Já eu, aqui tive a sorte
De fumá cigarro forte
Feito de paia de mio.

Você, vaidoso e facêro,
Toda vez que qué fumá,
Tira do bôrsó um isquêro
Do mais bonito metá.
Eu que não posso com isso,
Puxo por meu artifiço
Arranjado por aqui,
Feito de chifre de gado,
Cheio de argodão queimado,
Boa pedra e bom fuzí.

Sua vida é divirtida
E a minha é grande pená.
Só numa parte de vida
Nóis dois samo bem iguá:
É no dereito sagrado,
Por Jesus abençoado
Pra consolá nosso pranto,
Conheço e não me confundo
Da coisa mió do mundo
Nóis goza do mesmo tanto. (ASSARÉ, 2012, p. 25)

Nos trechos anteriores, o poeta cantava as maravilhas de um sertão em vida. A fala agora é direcionada ao poeta da cidade, destacando as diferentes realidades sociais em que ambos se encontram. Envolto pela falta de instrução, pobreza e excluído de todas as regalias que o mundo globalizado oferece, o poeta da roça sabe que sua vida é um grande padecer, mas segue firme em sua fala, pois acredita que sua produção surge como algo presenteado por um ser supremo:

Eu não posso lhe invejá
Nem você invejá eu,
O que Deus lhe deu por lá,
Aqui Deus também me deu.
Pois minha boa muié,

Me estima com munta fé,
Me abraça, beja e qué bem
E ninguém pode negá
Que das coisa naturá
Tem ela o que a sua tem.

Aqui findo esta verdade
Toda cheia de razão:
Fique na sua cidade
Que eu fico no meu sertão.
Já lhe mostrei um ispeio,
Já lhe dei grande conseio
Que você deve tomá.
Por favô, não mexa aqui,
Que eu também não mêxo aí,
Cante lá que eu canto cá. (ASSARÉ, 2012, p. 25)

Embora haja diferenças culturais e sociais entre as duas realidades expostas, vale frisar que o canto poético que vem da roça reforça que não há um sentimento de inveja ou competição, pois no meio de tanto sofrimento e dificuldades há momentos de afago, dentre estes a existência de uma companheira com todos os atributos das mulheres da cidade. A vida sertaneja é bem apresentada no poema, passando pela natureza, um grande espírito de defesa da cultura local, com uma certa postura crítica a tudo que poderia modificar o que de belo existe nessa terra; por isso, em profunda sintonia com seu lugar, ele afirma ao poeta da cidade: “cante lá que eu canto cá”.

Patativa do Assaré nos apresenta o seu “Cante lá que eu canto cá” dando uma ideia de diversidade: nas diferenças estaria a beleza de um povo. O sertanejo que se considera um poeta que canta o sertão das belezas e das agruras é composto por um sentimento que o obriga a sair em defesa do que é seu. Embora o ambiente do outro seja mais desenvolvido, aparentemente um lugar melhor para se viver, a verdadeira felicidade estaria na simplicidade do cotidiano do sertão; portanto, seria impossível viver distante dele.

Pertencer a essa localidade torna o matuto uma pessoa hábil para falar do cotidiano do sertanejo, relatando com fidelidade o que acontece, enfatizando as alegrias, a labuta e o seu sofrimento. Com Patativa, conseguimos conhecer um campo/sertão que vai além do trabalho com a terra. Pode-se enxergar nesse ambiente a forma de vida comunitária, as relações que se formam, bem como o modo de pensar e agir diante de várias situações.

Com essa visão do seu ambiente, o sertanejo consegue enxergar também a cidade. A partir da forma de vida no seu pedacinho de chão, fica visível a realidade de

cada localidade, sendo o espaço urbano, portanto, o contrário de tudo o que vive:

Seu dotô, só me parece
Que o sinhô não me conhece,
Nunca sobe quem sou eu,
Nunca viu minha paioça,
Minha muié, minha roça,
E os fio que Deus me deu.

Se não sabe, escute agora,
Que eu vou contá minha história,
Tenha bondade de uvi:
Eu sou da crasse matuta,
Da crasse que não desfruta
Das riquezas do Brasi. (ASSARÉ, 2012, p. 114)

A condição de sujeito sofredor a que o sertanejo foi acometido o obriga a ser forte, a possuir uma voz firme, pois é por meio dela que conseguirá trazer à mostra sua realidade. Ao ter coragem de falar com alguém aparentemente em nível de superioridade, o sertanejo toma para si o papel de defensor de tudo o que compõe sua terra:

É verdade que não somente a língua, os personagens e o cotidiano descrito pertencem ao mundo rural sertanejo que viu nascer e viver Patativa do Assaré, mas também as aspirações sociais, as reivindicações políticas e econômicas. O combate que ele conduz é aquele do “caboclo roceiro, camponês sertanejo, da classe matuta”. Com efeito, o elemento mais tocante da identidade sertaneja é esta evocação constante de uma vida extremamente difícil, de uma terra particularmente hostil, de um universo encerrado sobre si mesmo. (DEBS, 2009, p. 101)

A identidade de um povo deve ser percebida e analisada dentro de um aspecto social mais amplo, levando-se em consideração os vínculos e as condições de vida. Patativa encontra-se entre os limites que colocam realidade urbana e rural em pontos diferentes. A cidade e, com ela, a figura do homem civilizado, estariam de um lado, sendo vistos como tudo que é positivo. Colocando-se ao lado do oprimido, Patativa fala de e por homens sertanejos explorados pela ausência de políticas públicas.

O sertanejo patativano, nos diversos poemas em que conversa com uma figura que denomina como doutor, apresenta-se seguro e consciente de que a realidade enfrentada poderia ser outra, ou seja, ele sabe que sua condição de vida decorre, em grande parte, da concentração de renda nas mãos de uma minoria. Dessa negação de direitos de que ele é fruto, surge também uma fala marcada pela falta de

acesso ao mundo letrado, mas o fato de ser analfabeto não o impede de apresentar a sua verdade:

Em Patativa do Assaré o que predomina é a voz do matuto expressando-se em seu linguajar errado para desafiar a empulhação e o logro que contra ele vêm perpetrar os doutores armados de linguagem “certa”: *A language tá errada/ Mas a verdade é sagrada.*

Nesta perspectiva, o emprego da linguagem matuta como meio de expressão para dar voz à palavra dos oprimidos em sua luta contra a dominação dos doutores sabichões, se constitui numa atitude de contestação fecunda em suas implicações. (ANDRADE, 2003, p. 149)

Tudo o que é apresentado em demasia na vida do doutor, falta na vida do matuto. O matuto é sustentado pela força de vontade e desejo de vida digna. Sua verdade é a força necessária para enfrentar, sem força bruta, uma figura superior, formada por privilégios sociais que somente alguns possuem.

No poema a seguir, percebemos um matuto em situação desfavorável em relação ao doutor. Como não possui estudo, seu trabalho é servir ao patrão, mas a servidão não o impede de enxergar que há algo errado, e ele pede que a terra seja também um direito seu, pois a produção agrícola, meio necessário para garantir a sua sobrevivência, depende de um pedaço de chão:

Sinhô dotô, meu ofiço
É servir ao meu patrão.
Eu não sei fazê comiço,
Nem discuço, nem sermão;
Nem sei as letra onde mora,
Mas porém, eu quero agora
Dizê com sua licença,
Uma coisa bem singela,
Que a gente pra dizê ela
Não precisa de sabença.

Seu dotô, que estudou munto
E tem boa inducação,
Não ignore este assunto
Da minha comparação,
Pois este pai de famia
É o Deus da soberania,
Pai do sinhô e pai meu,
Que tudo cria e sustenta,
E esta casa representa
A terra que Ele nos deu.

Pois o vento, o só, a lua,
A chuva e a terra também,
Tudo é coisa minha e sua,
Seu dotô conhece bem.
Pra se sabê disso tudo
Ninguém precisa de istudo;
Eu, sem escrevê nem lê,
Conheço desta verdade,

Seu dotô, tenha bondade
De uvi o que vô dizê.

Não invejo o seu tesoro,
Sua mala de dinhêro
A sua prata, o seu ôro
O seu boi, o seu carnêro
Seu repôso, seu recreio,
Seu bom carro de passeio,
Sua casa de mora
E a sua loja surtida,
O que eu quero nesta vida
É terra pra trabaiá. (ASSARÉ, 2012, p. 154)

Em “A terra é naturá”, o matuto, em fala direcionada à figura de um “dotô”, não obtém resposta, mas ele segue com a apresentação de sua realidade, pois reconhece-se como vítima de um sistema opressor. A oposição entre ambos é bem definida na própria fala do matuto, ao mostrar a distinta realidade que o separa do “dotô”. O “dotô” representa todas as facilidades que uma vida financeiramente elevada oferece, enquanto ao matuto cabe a missão de reivindicar um mínimo, nesse contexto, um “*pedaço de terra pra trabaiá*”. Para o matuto, a terra representa a casa e no centro dela estaria Deus, o pai de família que deixa para os filhos a sua herança; portanto, o sertanejo reivindica apenas um direito que lhe é dado por Deus

Para Andrade (2003, p, 198):

Este poema filia-se a um abundante veio na poesia de Patativa do Assaré, que se caracteriza por representar o enfrentamento do matuto com o doutor, no qual o matuto vem por meio de argumentos fundados numa “lógica” poética e, muitas vezes, numa imagística religiosa afrontar a lógica da dominação e da desigualdade e contestar o estado de sujeição a que se acha constrangido. Nestes termos o significado desta fala contraria o espírito de submissão que se insinua naquela fórmula de abertura.

A forma como Patativa apresenta a figura do matuto, inconformado com a situação de miséria e consciente de que esta é fruto das injustiças sociais, nos leva a refletir: muito mais do que fugir da pobreza material, ele almeja que o doutor seja despido da pobreza espiritual, que reconheça que, usufruindo de bens que deveriam ser de todos, esse homem rico de tudo o que o dinheiro oferece é mais pobre que um simples camponês.

O poeta surge como alguém que insiste em trazer para frente uma história sempre colocada em plano inferior. Dando voz ao sertanejo, tantos outros pertencentes ao sertão recebem essa possibilidade, ou seja, possuem o direito de falar em defesa de tudo o que os incomoda:

Para o poeta, o sertão foi sua fonte inspiradora. Não existiria o sertão cantado por Patativa se não existisse o cimento que ergue esse sertão e que nada

mais foi do que a memória desse poeta magistral. O sertão é uma mistura de tensão romântica entre talento e maldição (fome, desesperança, falta de auxílio). Sua lira canta essas tensões para denunciá-las, para desmistificá-las, para respondê-las com a fé e a vontade de lutar. (FEITOSA, 2009, p. 57)

Seria possível uma relação amigável entre esses dois universos? Matuto e doutor poderiam construir vínculos de companheirismo e solidariedade? Por meio de representações antagônicas, o sertanejo patativano apresenta seu universo e o do outro. São dois mundos diferentes, condições de vidas opostas, e é nesse contexto que o sertanejo se encontra e sente a necessidade de questionar uma figura que se encontra em situação superior à sua: o homem que veio da cidade e que aparentemente possui riqueza e conhecimento.

4.2 “Ingém de ferro” e o “Puxadô de roda”: impactos da modernidade no sertão

Debruçando-se na obra *Cante lá que eu canto cá*, fica clara na maioria dos poemas a diferença entre campo e cidade, para além do aspecto geográfico. A obra de Patativa fala de um “torrão natal” querido, sem mascarar os problemas existentes. Enfático no que se refere às questões socioculturais, o poeta de Assaré traz para o primeiro plano um sertanejo que, embora conseguindo transitar por culturas diferentes, mantém muito firme em sua memória e no agir as suas raízes, muitas vezes firmadas na luta por melhores dias.

Constata-se em poemas de Patativa do Assaré uma voz que se apresenta dentro e fora do campo, uma voz parte em defesa daquilo em que acredita. O sertanejo se reconhece como filho do sofrimento, convivendo com as adversidades e contradições sociais, e encontra nas belezas de sua terra e na força de sua gente o poder da sua cultura.

É na cidade que tudo aquilo que é moderno é percebido com maior rapidez. Dentro de muitas casas, em diversos cômodos, é possível perceber algum utensílio tecnológico. Chegando de forma mais lenta ao campo e, às vezes, nem fazendo parte desse ambiente, a modernidade é recebida com estranheza e, em grande parte, como algo totalmente modificador, que altera, inclusive, as relações sociais. Percebendo que as mudanças que chegam com a tecnologia podem modificar de forma negativa a vida no ambiente, um determinado grupo resiste diante desse processo modificador e, de certa forma, revolucionário, como descrito nos poemas que serão analisados. O

moderno transforma consideravelmente o espaço, tanto físico quanto social, no ponto de vista apresentado por Patativa do Assaré. Essa modificação é vista como algo estarrecedor, provocando distanciamentos e, quebras identitárias. Um sentimento de solidão se forma em um ambiente anteriormente vivo e produtivo, um ambiente que, muito mais que limitado à produção do alimento, era um espaço onde as relações se firmavam.

Percebe-se que quem fala é um sujeito em profunda integração com o meio, que reconhece um sertão que, embora sofrendo com a ausência de políticas públicas, estigmatizado pela visão urbana, ainda possui coisas boas, como, por exemplo: momentos de interação com os vizinhos, a felicidade de uma nova chuva que veio garantir a próxima colheita. Ou seja, o sertanejo tem uma identidade cultural, e esta pode ser contada e merece ser respeitada, pois, assim como outras identidades culturais, ela é fruto da convivência em uma localidade onde se valoriza a história que a formou. Esse sentimento de pertencimento a uma localidade se dá a partir das convivências que foram construídas, gerando-se, assim, a vida social. Portanto, conhecer tais realidades é de grande importância para que se valorize ou pelo menos se respeite a história do outro.

Sendo um conceito de grande complexidade, a questão da identidade cultural tem sua dependência na experiência de vida. No caso sertanejo, as suas raízes são fincadas no cenário natural, ofertado por paisagens vivas no período chuvoso e “paisagem é cultura antes de ser natureza” (SCHAMA, 1996, p. 70). Patativa deu voz a um povo simples, uma voz que exigia ser reconhecida dentro da sua história. Falando do poder de instrumentos aparentemente já ultrapassados pelo “podê civilizatorio”, se posiciona no centro de uma localidade, apresentando experiências e sentimentos que não são individuais, ao contrário, são comuns e de grande significado cultural. Ele conheceu a realidade da vida na cidade, talvez não de forma profunda, mas pode constatar que tal realidade era contrária à sua e à do povo com quem convivia.

Defensor da cultura sertaneja, Patativa utilizou em sua poética diversas imagens que aclamavam a vivência comunitária como possibilidade de preservação e manifestação dela. Como exemplo dessa vivência temos o “Ingém de Ferro”. Nessa construção, é possível perceber um sentimento de saudade pelos momentos vivenciados durante a produção artesanal da farinha, momento de partilha e,

consequentemente, de felicidade, que foi modificado pela chegada de técnicas modernas.

As mudanças ocorridas no meio social ocasionam grandes problemas na vida do sertanejo, inclusive de natureza psicológica. Tais mudanças trouxeram perdas irreparáveis, como, por exemplo, a eliminação dos momentos de partilha. Perdendo-se esse contato com os demais membros de sua comunidade, perde-se a alegria, perde-se o “prazê de vivê”. A chegada do novo é contrário a tudo o que é vivência, e o sertanejo sabe que precisa falar. Não desvaloriza o novo, sabe que ele tem sua importância. O problema é que esse objeto tecnológico que adentra um espaço em profunda sintonia contribui para a quebra das relações e atinge o valor cultural comunitário. Com isso, já não são mais possíveis os momentos de troca de experiência e fortalecimento de vínculos. Vejamos:

Ingém de ferro, você
Com seu amigo motô,
Sabe bem desenvolvê,
É munto trabaiadô.
Arguém já me disse até
E afirmô que você é
Progressista em alto grau;
Tem força e tem energia,
Mas não tem a poesia
Que tem o ingém de pau.

O ingém de pau quando canta,
Tudo lhe presta atenção,
Parece que as coisa santa
Chega em nosso coração.
Mas você, ingém de ferro,
Com este horroroso berro,
É como quem qué brigá,
Com a sua grande afronta
Você tá tomando conta
Dos nossos canaviá. (ASSARÉ, 2012, p. 92)

Fica perceptível um sentimento de perda, de uma grande perda. Um grande lamento marca os primeiros versos. Não é apenas algo palpável, de valor econômico que se vai, é toda uma história que vai sendo modificada, corrompida. O que é modernidade chega como modificação de vínculos afetivos e de raízes culturais. O que era celebração vira uma quebra dos e nos valores comunitários, até o barulho do motor incomoda, parece que ele é uma forma de silenciar, não permite os diálogos, risos, partilha dos acontecimentos, ou seja, chega eliminando tudo aquilo que afaga a vida sertaneja, já tão castigada pela realidade local.

Falando do que é necessário para a vida, em especial a vida em comunidade, Candido (2008, p. 31) nos fala do alimento e abrigo como dos mínimos vitais e no que tange ao aspecto cultural assevera:

Seria porém difícil, sem larga margem de arbítrio e etnocentrismo, falar em mínimo cultural, visto como, nos casos para nós mais rudimentares, a cultura pode significar, pelo simples fato de existir, uma solução coerente de sociabilidade e equipamento material em relação ao meio.

Patativa apresenta muito bem o valor cultural do sertão. Descrevendo a serra, retratando a beleza das matas, o poeta possibilita uma viagem por esse espaço em que a identidade do sertanejo é reconhecida no seu cotidiano. O homem do sertão vive cercado de diversas possibilidades no que tange ao aspecto cultural, pois o seu lugar é fonte inesgotável desse bem.

Aparentemente, essa “recusa ao novo” poderia ser vista como aceitação da condição de retrógrado, mas é importante que se leve em consideração que o que está no centro da poética é a questão cultural. É claro que, com o trabalho do motor, muito mais poderia ser produzido no que se refere à produção da farinha, porém é válido reforçar que “a cultura existia na pureza do seu isolamento e da integração coerente dos seus traços” (CANDIDO, 2008, p. 31).

No centro da vida comunitária, o sertanejo mostra o valor existente na terra natal. Embora seja algo rudimentar, o trabalho artesanal representava um passado portador de felicidade. A chegada da modernidade afronta as tradições do sertanejo. Seus costumes estão em risco:

Do bom tempo que se foi
Faz mangofa, zomba, escarra.
Foi quem expulsou os boi
Que puxava na manjarra.
Todo soberbo e sisudo,
Qué governá e mandá tudo,
É só quem qué sê ingém.
Você pode tê grandeza
E pode fazê riqueza,
Mas eu não lhe quero bem.

Mode esta suberba sua
Ninguém vê mais nas muage,
Nas bela noite de lua,
Aquela camaradage
De todos trabaiaadô.
Um falando em seu amô
Outro dizendo uma rima,
Na mais doce brincadêra,
Deitado na bagacêra,
Tudo de papo pra cima. (ASSARÉ, 2012, p. 92)

A tecnologia adentra o sertão, chega como força arrasadora, modificando um espaço constituído de laços e de uma memória que constrói a identidade. Muito mais que mudar as relações de produção, modifica as relações humanas, tornando desnecessários os momentos de integração. Apenas uma voz dirige-se ao “ingém”, mas não fala de forma individual, fala pelos “trabaiadô” que também sentem os avanços da modernidade interferindo em suas vidas. O motor, criação do homem, vem para desfazer o contato com os outros homens e isso é assustador para quem aprendeu a encontrar beleza nos momentos mais simples. Os avanços chegaram e, com eles, o risco de perdas irreparáveis. O sertanejo afirma:

Esse tempo que passô
Tão bom e tão divertido,
Foi você quem acabô,
Esguerado, esgalamido!
Come, come interessêro!
Lá dos confim do estrangêro,
Com seu baruido indecente,
Você vem todo preverso,
Com históra de progresso,
Mode dá desgosto a gente!

Ingém de ferro, eu não quero
Abatê sua grandeza,
Mas eu não lhe considero
Como coisa de beleza,
Eu nunca lhe achei bonito,
Sempre lhe achei esquesito,
Orguloso e munto mau.
Até mesmo a rapadura
Não tem aquela doçura
Do tempo do ingém de pau. (ASSARÉ, 2012, p. 92)

O sertanejo nos mostra que, na simples tarefa da farinhada, estaria o alimento do corpo, subsistência e também um valor cultural que vem sendo preservado ao longo das gerações. O motor e sua modernidade seriam um atraso e perda de tudo o que representava a comunidade. Cidade e campo, modernidade e tradição estão em debate, representando a impossibilidade de relações plausíveis entre ambos. A presença da modernidade no campo ameaça os laços afetivos e a certeza de pertencimento a um grupo específico. O barulho do motor não causa emoção, ao contrário, silencia os risos e distancia o povo da sua tradição.

Muito mais que mudanças relativas ao labor, a substituição do “ingém de pau” pelo “ingém de ferro” acarreta transformações no convívio em comunidade, interfere

nos momentos de partilhas das conquistas, cria barreira na escuta dos problemas de diversas naturezas, ou seja, avança a modernidade e se modifica o cenário, carregado de laços e tradição. Ao ser absorvido pela comunidade, o cenário moderno agrega novos valores éticos e culturais, o que leva o sertanejo recusá-lo como integrante do meio:

Ingém de pau! Coitadinho!
Ficou no triste abandono
E você, você sozinho
Hoje é quem tá sendo dono
Das cana do meu país.
Derne o momento infeliz
Que o ingém de pau levou fim,
Eu sinto sem piedade
Três moenda de sodade
Ringindo dentro de mim.

Nunca mais tive prazê
Com muage neste mundo
E o causadô de eu vivê
Como um pobre vagabundo,
Pezaroso, triste e pérro,
Foi você, ingém de ferro,
Seu safado, seu ladrão!
Você me dexô à toa,
Robou as coisinhas boa
Que eu tinha em meu coração. (ASSARÉ, 2012, p. 92)

Sintetizando, a voz poética critica as mudanças nas diversas relações cotidianas, provocadas pela interferência do progresso, descrito como inimigo portador de força destruidora, principalmente das relações afetivas. Muito mais que força física, no engenho de pau existia a efetivação de identidade, laço que, segundo a voz poética, o “ladrão ingém de ferro” levou.

Assim como no poema analisado, em “O puxadô de roda” há uma temática que aborda a chegada da modernidade no campo. Com ela, chegam as alterações sociais e culturais, e, por isso, a voz poética apresenta claramente a insatisfação com sua presença:

Seu moço, eu peço perdão,
Não tenha raiva de mim,
Mas a civilização
Faz coisa que eu acho ruim;
Os engenheiro mecano,
Francês, inglês, mericano
Se larga de seus coidados
E faz certo objetos
Pra buli com quem tá quéto
No seu canto, sossegado.

Eu sei que seu moço dêxa
Eu contá minhas razão,
Pois eu tenho munta quêxa
Da tá civilização.
Escute, que eu vou dizê
Promode o senhô sabe,
E tê bem conhecimento
Do bicho que me incomoda:
Eu sou puxadô de roda,
De roda de aviamento.

Sim, senhô, sou puxadô.
Naquele tempo passado,
Por todos agricultô
Da serra eu fui percurado.
Vivia sem aperreio
Sempre pegando no veio
Mais o Chico da Ventura;
Nós era vê dois Sansão,
De camisa de argudão
Amarrada na cintura.

Sei que o senhô não conhece
E também não advinha
O ilugio que merece
Uma casa de farinha;
Pois seu dotô tem vivido
Na capitá, invorvido
Na política danada,
Discuçando na sembreia,
Não pode ter boa idéia
Do que é uma farinhada.

Pois bem, um aviamento,
Quando pega a trabaiá,
É o mió divertimento
Que se pode maginá,
É a maió distração,
Tudo ali é união,
Prazê , alegria e paz,
Só se conveça em amô,
Pois todos trabaiadô
É sempre moça e rapaz. (ASSARÉ, 2012, p. 340)

É notório que os momentos de produção de alimento contribuíam para o fortalecimento da vida em comunidade. Além da garantia de fonte de renda, os momentos de escuta e de aprendizagem uns com os outros garantiam um alimento cultural e de valorização local. O barulho do motor, mais do que calar as pessoas, silencia uma história comunitária.

De grande importância para o povo nordestino, o cultivo da mandioca é algo valioso; portanto, o dia de se produzir a farinha é um momento muito esperado e de certa forma celebrado. Nessa “festa” sem grande ornamento, na qual cada um vai

trajado de forma simples, surgem cantigas, orações, conversas de antepassados. É dessa forma que algo aparentemente sem valor torna-se sagrado para uma pequena comunidade:

Sinto o meu corpo gelá,
Meu coração triste chora
Quando eu pego a me lembra
Das farinhadas de otrora,
Quando a roda eu sacudi,
Que ela zinia, zinia,
Zinia como um pião,
E tão depressa rodava,
Que a gente não divurgava
Se ela tinha véio, ou não,

Gritando e dizendo graça
Cantando e a jogá potoca,
Eu fazia virá massa
Um putici de mandioca;
Não tinha quem me aguentasse,
Desmancha que eu trabaiasse
Corria com bom despaço;
Digo sem acanhamento,
Pra roda de aviamento
Seu moço, eu sou cabra macho!

Hoje tá tudo mudado,
Tudo que é bom leva fim,
Porém naquele passado
Eu me orguiava de mim!
De todos trabaiaadô
Da desmancha, o puxadô,
Com sua força aprovada,
É sempre o mais preferido,
E tombém o mais querido
Do povo da farinhada. (ASSARÉ, 2012, p. 340)

Quem fala nesse momento parte em defesa da realidade local. No ato, aparentemente cansativo, de se fazer a farinha, a alegria reinava, as histórias surgiam, vida era manifestada. As experiências partilhadas pela palavra simples, mas firme, embelezam o processo de produção, tornando-o um momento prazeroso e necessário, constituído de uma história que não pode ser apagada com a chegada do desconhecido:

Meu peito ainda parpita
Cheio de recordação
Dessas historia bonita
Que contava o Botijão.
Mas hoje, nas farinhada,
Nem historia, nem toada,
Nem mermo adivinhação,
Tudo é tristeza e deslêxo,

E eu, seu moço, só me quêxo
Do diabo da invenção.

Seu moço, uma farinhada
Foi durante a minha vida
A coisa mais animada,
Mais boa e mais divertida
Que eu já encontrei na terra;
Mas quando chegou na serra
O danado do motô,
Este estrangêro enxerido,
Fazendo grande alarido,
O meu prazê se acabou.

Hoje a serra tá mudada,
Uma desmancha não presta;
De premêro, a farinhada
Pra mim era a mió festa,
Mas perdi todo o prazê
Quando vi aparece
Esta horrive novidade
Fazendo um doido baruio,
Cheio de impero e de orgúio,
Fedendo à civilidade.

Era boa a vida minha,
E o tempo, não era mau,
Quando as casa de farinha
Só tina roda de pau.
Quando os galo miudava,
Os trabaiaadô já tava
Cantando suas toada,
Mas o diabo da ingresia
Tirou toda poesia
Que havia nas farinhada. (ASSARÉ, 2012, p. 340)

Muito mais que produção de farinha, temos no poema uma chamada de atenção para a importância dos vínculos comunitários. É visível um ambiente onde não há divisões. Todos os que compõem o cenário partilham de grande harmonia, contam e ouvem histórias que são silenciadas e ensurdecidas pelo barulho do invasor. O apego às tradições é aversão ao presente, sendo este, portanto, visto de forma negativa e sem possibilidade de aceitação, pois ao se substituírem as conversas e risadas pelo “pôpôpô” que incomoda, perde-se a riqueza dos momentos compartilhados.

Em “Ingém de Ferro” e “O puxadô de roda” encontramos vínculos culturais e sociais que existem no cotidiano campesino e que são silenciados por realidades ditas como mais adequadas para um determinado contexto. À medida que ocorre renovação em uma determinada comunidade, surgem a dificuldade de adaptação e a recusa do rompimento com a tradição, pois tais mudanças, muitas vezes frutos de

imposição, inferiorizam uma história. O sertanejo, figura de destaque no relato, falando de forma simples sobre a natureza, reconhecendo que não tem estudo, apresentando suas marcas culturais, reforça a ideia de que cada um tem direito a manifestar o que sente e pensa, recusando o que quer apagar sua história de vida.

Para Tuan, as atitudes que uma determinada pessoa apresenta sobre a vida, inclusive no meio ambiente, tem a ver com variações individuais e até fisiológica:

Chamamos, anteriormente, a atenção para a tendência da mente humana em organizar os fenômenos em polos opostos como vida e morte, claridade e escuridão, céu e terra, sagrado e profano. Em algumas sociedades esta estrutura dualista permeia vários níveis do pensamento: afeta a organização social de um povo assim como a sua cosmologia, arte e religião. O próprio meio ambiente pode prestar-se a esta visão dualista: pode reforçar uma tendência, servindo como índice claramente visível de polaridade. (1974, p. 96)

O sentimento do agricultor pela sua terra também pode representar um certo sofrimento, por tê-la como garantia de vida. Quando não suprida tal necessidade, isso lhe desperta um sentimento oposto: “Os que podem suportar as privações, deixam a região; os que ficam, parecem desenvolver um estranho orgulho em sua habilidade de levar a vida”. (TUAN, 1974, p.112). E segue: “Para viver, o homem deve ver algum valor em seu mundo. O agricultor não é exceção”. Os mais idosos, em sua maioria, sem instrução, possuem um grande apego à história construída e partilhada em determinado ambiente. Esse apego normalmente é justificado pelo contato com a terra, de onde se extraem, além de alimento, as forças e respostas para vários acontecimentos.

Sobre isso, Tuan (1974, p. 114) reforça:

Os povos analfabetos podem estar profundamente afeiçoados ao seu lugar de origem. Eles podem não ter o senso ocidental moderno, mas quando procuram explicar a sua lealdade para com o lugar, ou apontam os laços com a natureza (o tema mãe-terra), ou recorrem à história.

As várias raízes históricas são também responsáveis pelo que Tuan chama de “patriotismo local”. Para ele: “O patriotismo local reside na experiência íntima do lugar e no sentido da fragilidade do que é bom: não há garantia de que dure, aquilo que amamos”. (TUAN, 1974, p.116). O geógrafo ainda destaca que campo e cidade são opostas, independente das condições de vida dos dois ambientes.

Os sentimentos que os seres humanos possuem na relação com a terra, já caracterizada como lugar, são base de profunda reflexão para Tuan. É da intensa convivência com uma localidade que surge o vínculo, e somente assim é possível compreender a preferência de uma pessoa por um determinado ambiente. É a

experiência intensa do sertanejo com o sertão que o faz defendê-lo de tudo que vem modificá-lo. Foi a experiência direta com o espaço que o elevou a lugar, e quem vem da cidade não possui a essência encontrada no decorrer das vivências, ou seja, para quem vem de fora, o ambiente acaba sendo apenas espaço.

O sertanejo de *Cante lá que eu cá* não tem nenhum apego à cidade; ao contrário, para ele, esse espaço representa todo tipo de desconforto e diferença. O espaço rural, por sua vez, é onde se sente seguro, onde pode viver com tranquilidade e será sempre o lugar onde deseja permanecer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A poesia de Patativa emerge do sertão. O cenário em que ela surge modifica-se constantemente, de acordo com as mutações da natureza. O sertanejo é apresentado em sua poética, como alguém sofredor, mas não menos sonhador. Esse homem matuto dos vários poemas de *Cante lá que eu canto cá* é uma espécie de representante comunitário, e essa comunidade lhe permite falar por todos. Com o poder de fala, o matuto falante parte em defesa da sua terra e de um grupo integrante dela, ou seja, possui um enorme sentimento de coletividade.

Patativa do Assaré verseja de forma variada sobre a vida do sertanejo, falando com propriedade sobre lutas e alegrias. Ele representa o cenário físico e cultural desse povo, mostrando um conteúdo amplo, inclusive as oposições da vida no campo e na cidade. Nessa relação dicotômica, expõe de forma clara as questões sociais que tornam quase que impossível viver em um lugar e “ganhar a vida” em outro. São perceptíveis no título e no decorrer da obra *Cante lá que eu canto cá* representações das diferentes formas de vida, com um sujeito carregado de sentimentos pelo “cá” da sua infância em oposição ao “lá” a que o sertanejo é levado muitas vezes por motivos econômicos. Vale destacar que, situado nessa nova terra, terá que conviver com situações e valores que diferem dos seus.

O sertão de Patativa é muito mais que representação de sofrimento, constitui-se como um ambiente em que a cultura pode ser manifestada na simplicidade do cotidiano. É claro que um ambiente apresentado por alguém integrante dele não é necessariamente uma verdade que deve ser aceita por todos os grupos. Os valores e gostos que cada um possuirá dependerão da forma como a relação foi construída com e no ambiente, inclusive no que se refere às questões culturais.

Sendo um lugar encantado pelas belezas que possui, o sertão será sempre exaltado. Nos momentos de integração, o simples se torna lugar de encanto. Não é possível dizer se todas as pessoas que compartilham esse momento possuem os mesmos sentimentos. O que sabemos é que a natureza não passa despercebida. Tuan (1974, p. 91) adverte: “Nas sociedades não tecnológicas, o ambiente físico é o teto protetor da natureza e sua miríade de conteúdos”. Mesmo distante de tudo aquilo que a tecnologia oferece, o sertão pode ser um lugar festivo e são os bens oferecidos pela natureza que garantem essa possibilidade.

O discurso cultural é muito comum na construção do poema “Cante lá que eu

canto cá”, seja mostrando a vida dura do sertanejo, seja exaltando as belezas existentes na sua terra querida. As palavras usadas de forma espontânea, com toda a simplicidade, situam quem escuta dentro do universo do homem do campo, que reforça um vínculo com suas origens:

Pra gente cantá o sertão,
Precisa nele morá,
Tê armoço de feijão
E a janta de mucunzá,
Vivê pobre, sem dinhêro,
Socado dentro do mato,
De apragata currelepe,
Pisando inriba do estrepe,
Brocando a unha-de-gato.

Você é munto ditoso,
Sabe lê, sabe escrevê,
Pois vá cantando o seu gozo,
Que eu canto meu padecê.
Inquanto a felicidade
Você canta na cidade,
Cá no sertão eu infrento
A fome, a dô e a misera.
Pra sê poeta divera,
Precisa ter sofrimento. (ASSARÉ, 2012, p. 25)

Quem fala deixa claro que somente é possível apresentar verdadeiramente o sertão estando-se dentro dele, saboreando-se as alegrias e aprendendo-se a lidar com as dificuldades. A voz poética deixa claro que quem olha o sertão “de fora” pode até falar sobre ele, mas apresentará um conhecimento superficial, pois não possui uma verdadeira experiência com as belezas e desafios oferecidos pelo mundo sertanejo. Como uma espécie de defensor das coisas do sertão, o sertanejo matuto segue relatando as diferenças entre um lugar e outro. Embora a cidade possua belezas e riquezas e o sertão seja um lugar de dificuldades, este deve ser cantado de forma verdadeira somente por quem convive diariamente nele.

A forma como é tecida a relação de uma pessoa com o meio em que vive, diz muito sobre seu comportamento diante do que se produz nele, muito mais do que olhar esse ambiente como algo que lhe garante a sobrevivência. O sujeito que nasceu e cresceu nele, possui afeto e uma profunda relação de apego. O sertanejo, o homem da roça falante em grande parte de *Cante lá que eu canto cá*, é alguém cuja história confunde-se com a terra. Muito mais que subsistência, é vida, a sua e a de seu povo:

Para o trabalhador rural a natureza forma parte deles – e a beleza, como substância e processo da natureza pode-se dizer que a personifica. Este sentimento de fusão com a natureza não é simples metáfora. Os músculos e

as cicatrizes testemunham a intimidade física do contato. A topofilia do agricultor está formada desta intimidade física, da dependência material e do fato de que a terra é um repositório de lembranças e mantém a esperança. (TUAN, 1974, p. 111)

Na grande maioria dos poemas que compõem *Cante lá que eu canto cá*, percebe-se que a relação do sertanejo com seu “pedaço de chão” é grandiosa, carregada de uma essência profunda, reflexo da identidade local, uma espécie de vida independente, um mundo à parte que foi presenteado por um ser supremo. Inserido nesse local iluminado, fica claro que o campo representa muito, e estar nele é usufruir de tudo que pode ser oferecido.

Transportador das dores e incertezas de uma terra dividida entre beleza e crueldade (seca, fome), o sertanejo que fala do sertão é o rosto de figuras recorrentes no Nordeste brasileiro, dessa região que foi estigmatizada por visões externas. Ao se colocar como representante do seu lugar e porta-voz dos menos favorecidos, esse sertanejo sente a necessidade de mostrar as belezas e o que de positivo existe nessa localidade, um lado que muitas vezes é invisível para alguém que é visitante, ou seja, que não desfruta diariamente da beleza que essa terra pode oferecer. Normalmente quem chega, tem o olhar fixo em um ponto específico, possui outros valores sociais e culturais e nem sempre leva em consideração as manifestações existentes, cabendo ao sujeito local a missão de apresentá-las, destacando o valor existente em cada momento.

Nas análises apresentadas, procuramos mostrar que o sujeito reage de maneira diferenciada estando em sua terra e passando pela experiência da migração. O nordestino, enquanto sujeito pobre e distante da sua terra, transporta para um primeiro plano a grande diferença socioeconômica existente entre alguns sujeitos que vivem no campo e na cidade.

Todas as reflexões desenvolvidas no decorrer deste estudo nos conduziram a um entendimento, dentro da obra de Patativa, sobre a vida do sertanejo e sua forma de se relacionar com seu ambiente.

A topofilia, o grande amor pelo sertão, pode ser explicada por meio das experiências construídas. É impossível amar um ambiente vazio de histórias de vida, um espaço sem sentido. Tais sentimentos possuem relações com fatos partilhados com outras pessoas. No caso do sertanejo, muitas experiências e indivíduos foram determinantes para que o seu “pedacinho de chão” permaneça entranhando em toda a sua vida, principalmente quando encontra-se em outras terras.

O lugar é formado por meio da experiência, depende do conhecimento e é fortalecido por acontecimentos e vivências que ultrapassam o tempo. A recordação do sertão está gravada no coração do pobre camponês que, impossibilitado de permanecer nele, será sempre reconduzido para o que vivenciou, pois os vínculos topofílicos dão transparência às lembranças do passado, sejam estas individuais ou coletivas. Fica claro que a vida no “lá” e no “cá” caracteriza-se por diferenças, inclusive no campo sociocultural. Para que o sujeito possa construir um sentimento de pertencimento a uma determinada localidade, ele precisa criar vínculos que reforcem sua identidade.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. **O engenho anti-moderno: a invenção do Nordeste e outras artes**. 1994. 500f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/280137>>. Acesso em: 15 jul. 2020.

_____. **A invenção do Nordeste e outras artes**. Prefácio de Margareth Rago. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. **Nordestino: a invenção do “falo”** – uma história do gênero masculino. (1920-1940). 2 ed. São Paulo, Cortez; Recife, Massangana, 1999.

ALENCAR, Maria Silvana Militão de; Carvalho, G. **O léxico regional e o prestígio social das palavras**. In: Carvalho, Gilmar de. (Org.). Patativa em sol maior. Fortaleza: Edições UFC, 2009, p. 79-92.

ANDRADE, Cláudio Henrique Sales. **Patativa do Assaré: As razões da emoção** (capítulos de uma poética sertaneja). Fortaleza: Editora UFC / São Paulo: Nankin Editorial, 2003.

ASSARÉ, Patativa do. **Cante lá que eu canto cá: Filosofia de um trovador nordestino** 17 ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

BELTRÃO, Luiz Comunicação popular e região no Brasil. In: MARQUES DE MELO, José (Org.). **Comunicação/Incomunicação no Brasil**. São Paulo: Loyola; UCBC, 1976.

BRANDÃO, Maria do Socorro. “A morte de Nanã” no canto de Patativa. **Nonada: Letras em Revista**, Porto Alegre, vol. 2, n. 13, outubro. 2009. Disponível em: <http://www.redalyc/articulo.oa?id=512451679004>. Acesso em: 18 mar. 2021.

CANDIDO, Antônio. **Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação de seus meios de vida**. São Paulo: Duas Cidades, 1998.

CARVALHO, Gilmar de. **Patativa do Assaré: Pássaro liberto**. 2. ed. – Fortaleza: Museu do Ceará, 2011.

_____. **Migrações: Narrativas e sertão (o caso do cordel)**. Revista de Ciências Sociais. v.38 n.1. 2007.p. 14 – 18.

_____. **Cem Patativa**. Fortaleza: OMNI, 2009.

DEBS, Sylvie. Patativa do Assaré: uma voz do Nordeste. In: ARRUDA, Inácio (org.) Patativa do Assaré: **Poeta universal**. Fortaleza: Gráfica Pouchain Ramos, 2009.

FEITOSA, Tadeu. Um olhar sobre a vida e a obra de Patativa do Assaré. In: ARRUDA, Inácio (org.) Patativa do Assaré: **Poeta universal**. Fortaleza: Gráfica Pouchain Ramos, 2009.

LITERATURA POPULAR EM VERSOS: ESTUDOS. **Tomo I**. Rio de Janeiro: MEC/Fundação Casa de Rui Barbosa, 1973.

MAGALHÃES, Agamenon. **O nordeste brasileiro**. Secretaria de Educação e Cultura. Departamento de Cultura. Governo de Pernambuco. Recife, 1970.

MARINHO, Ana Cristina; PINHEIRO, Hélder. **O cordel no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortex, 2012.

MARX, Karl; ENGELS, Friderich. **A ideologia Alemã**. Trad. Luís Claudio de Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MENDES, Rauana Batalha Albuquerque. **Veredas poéticas de Juvenal Antunes**. Rio Branco: Edufac, 2018.

NUVENS, Plácido Cidade. Celebrando Patativa, no seu centenário. In: ARRUDA, Inácio (org.) Patativa do Assaré: **Poeta universal**. Fortaleza: Gráfica Pouchain Ramos, 2009.

PENNA, Maura. **O que faz ser nordestino**: identidades sociais, interesses e o “escândalo” Erudina. São Paulo: Cortez, 1998.

QUEIROZ, Silvana Nunes de; BAENINGER, Rosana. Evolução das Migrações Interestaduais Cearenses: Análise para os Decênios de 1960/1970, 1970/1980, 1981/1991, 1990/2000 e 2000/2010, p. 27-50. In OJIMA, Ricardo; FUSCO, Wilson. **Migrações Nordestinas no Século 21 - Um Panorama Recente**. São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2015.

SCHAMA, Simon. **Paisagem e Memória**. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar**: a Perspectiva de Experiência. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

_____. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1974.

VILLA, Marco Antônio. **Vida e Morte no Sertão**: História das Secas no Nordeste nos séculos XIX e XX. São Paulo: Ática, 2000.

WILLIAMS, Raymond. **O Campo e a Cidade**: na história e na literatura. Trad. Paulo Henrique de Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz**. Trad. Amálio Pinheiro, Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.